

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS II
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

*Relatório das Atividades Desenvolvidas na Disciplina
Prática de Ensino da História*

ITATUBA, 07 DE MAIO DE 1996.



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA NAS ESCOLAS
DE 1º E 2º GRAUS

PROFESSORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG R. B. DE SOUZA

ALUNO: CARLOS ALBERTO BRASIL GUERRA

PERÍODO: 95.2

DEDICATÓRIA

DEDICO ESTE RELATÓRIO

à minha mãe, a Zilda e aos meus amigos

E AGRADEÇO

aos professores e alunos da Escola Estadual Escritor Virginius da Gama e Melo, bem como ao professor Fábio Gutemberg Souza e a todos aqueles que tem acreditado na luta de uma melhoria para a Escola Pública no Brasil.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
INTRODUÇÃO	06
1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	07
2. A (DES) QUALIFICAÇÃO DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA	11
3. RELAÇÃO DA UNIVERSIDADE COM AS ESCOLAS DE 1º E 2º GRAUS	13
4. A DISCIPLINA DE HISTÓRIA NAS ESCOLAS DE 1º E 2º GRAUS	15
5. O GOVERNO DO ESTADO E A EDUCAÇÃO	16
6. GOVERNO (DES) RESPEITO COM OS PROFESSORES	17
7. ANEXOS	
ANEXO I - HISTÓRICO DA ESCOLA	18
ANEXO II - QUADRO FÍSICO DA ESCOLA	21
ANEXO III - PROFESSORES E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	24
ANEXO IV - ENTREVISTAS COM A DIREÇÃO DA ESCOLA, PROFESSORES E ALUNOS	26
ANEXO V - OBSERVAÇÕES DAS AULAS	36
ANEXO VI - PLANOS E TEXTOS DAS AULAS	63
ANEXO VII - LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA	92
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
9. BIBLIOGRAFIA E FONTES CITADAS	95

APRESENTAÇÃO

Este relatório vai mostrar, que pesquisa e ensino de História, são fases de um mesmo fazer, e que podem participar juntos, atingindo uma mesma direção. Pois foi exatamente o que ocorreu com a disciplina de Prática da História.

Na Escola Estadual de 1º e 2º Graus o aluno estagiário fez uma pesquisa elaborando dados acerca do histórico da escola, da sua localização, do seu quadro físico, e da formação profissional dos professores de história. E realizou entrevistas com a direção da escola, professores e alunos. E também lecionou aulas, produzindo planos de aula e textos.

INTRODUÇÃO

Este relatório descreve a experiência de pesquisa e estágio realizado na Escola Estadual Escritor Virgínius da Gama e Melo, com os seguintes objetivos: mostrar como é o ensino de história nas escolas de ensino fundamental e realizar o estágio para conclusão do curso de Licenciatura Plena em História.

A Prática de Ensino exige que o aluno leccione aulas na escola pesquisada e tome conhecimento dos problemas que o ensino de história enfrenta.

Este relatório está inserido no período letivo 95.2 da UFPB, está dividido em sete itens proporcionando ao leitor uma melhor compreensão do processo educacional, e da relação entre aluno estagiário e escola pesquisada.

No primeiro item a Educação no Brasil vamos perceber como ela é problemática e como cresceram nas duas últimas décadas os índices de evasão e repetência. No segundo item vamos detectar A (des) Qualificação dos Professores de História através da formação destes professores na Licenciatura Curta. No terceiro momento iremos analisar A Relação da Universidade com as Escolas de Ensino Fundamental, tentando compreender a questão do intercâmbio entre estas. Em um quarto momento é hora de ver A Disciplina de História Nas Escolas de 1º e 2º graus e porque a juventude de hoje não gosta de estudar essa disciplina. No quinto item vamos identificar A Relação do Governo do Estado com a Educação, porque se investe tão pouco neste setor e por fim no sexto item: Governo - (des) Respeito com os professores iremos perceber o relacionamento desrespeitoso que o governo tem para com os professores.

A EDUCAÇÃO NO BRASIL

No Brasil, no início dos anos 90, o jornal Folha de São Paulo, em um dos seus editoriais denuncia o estado em que se encontra a educação no país.

“Colapso Educacional” é o título de um dos primeiros editoriais do ano, analisando a educação e conclamando parcelas da classe média designadas pelo jornal como “Camadas Sociais com maior poder de reivindicação”, - às quais está se tornando mais difícil o acesso a escolas particulares - a fazerem uso da escola pública e pressionarem o Estado em favor do ensino público. Em janeiro, o Jornal insiste: O “Colapso Educacional” não pode continuar. Posteriormente, de posse dos dados de uma pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas, o jornal avalia o quadro “Barbárie Educacional”¹

O conteúdo dos editoriais da Folha de São Paulo e artigos de educadores, políticos, representantes da igreja católica e de associações de classe, que cotidianamente tomam as páginas dos jornais, reportagens de rádio e televisão, ainda que através de argumentos diferentes, caminham no sentido de alertar a sociedade para os graves problemas do setor educacional e são unânimes em afirmar que é necessário recuperar a educação no país.

Constantemente observa-se através dos meios de comunicação de massa discursos de grupos que se dizem preocupados com um projeto educacional. Os representantes dos setores econômicos dominantes neste país, defendem este projeto, pois afirmam que o desenvolvimento econômico e tecnológico do país depende de um projeto educacional, caso contrário, estará comprometido devido ao baixo nível de qualificação da sociedade. Outros discursos (de educadores, políticos e igreja, etc.) revelam preocupações com a formação dos cidadãos e com a justiça social, apelando para o cumprimento da constituição Brasileira, segunda a qual à educação pública.

“Estes argumentos ganham força quando da publicação de um relatório da Banco Mundial, o qual “reprova” o sistema de ensino do país mais especificamente o ensino de 2º grau². Os dados divulgados pelo Banco Mundial reiteram números já conhecidos, demonstrando claramente o fracasso da política educacional adotada nas duas últimas décadas. Segundo este relatório, de 1970 a 1987 houve um crescimento do número de vagas na rede pública de 2º grau, de 550 mil matrículas em 1970 para 2,1 milhões em 1987. Entretanto, neste mesmo período a taxa de evasão cresceu de 4,48 para 24,19%. Em 1987, apenas 37% da população de 16 a 18 anos se encontravam matriculados no ensino de 2º grau. E neste mesmo ano, segundo a UNICEF - IBGE, o total de jovens de 7 a 14 anos que se

¹ Folha de São Paulo, 20-1-1990, Pag. 2; 21-1-90, Pag. 2; 25-2-90, Pag. 2; 8-3-90, Pag. 2; 1-5-90, Pag. 2

² Folha de São Paulo, 29-4-1990, Pag. C - 1

encontravam fora da escola era de 4,3 milhões. As taxas médias de evasão e repetência em nível nacional cresceram entre 1979 a 1985, respectivamente 24% e 14%.³

Na escola pesquisada dados estatísticos mostram que ela também apresentou um aumento nos índices de evasão e repetência pois no ano de 1995 o número total de alunos matriculados na escola foi de 1007, destes 399 foram aprovados, 260 foram reprovados, e 348 foi o número total de alunos desistentes. Esta escola concluiu o seu ano letivo de 1995 com um déficit de quatro professores, isto é, em quatro disciplinas: Física, Química, Matemática e Português, não foram ministradas aulas por falta de professores. Em decorrência deste fato os alunos foram prejudicados, pois não tiveram acesso aos conteúdos destas disciplinas, e tiveram problemas quando foram efetuar a matrícula para o ano letivo seguinte (1996).

As disciplinas que mais reprovaram no ano de 1995 nesta escola foram matemática, português e ciências. Estes dados vem confirmar o temor que os alunos tem por estas disciplinas, pois quando por nós foram entrevistados, declararam que achavam estas disciplinas as mais difíceis.

Alguns fatores contribuíram para proporcionar este número alto de evasão e repetência. São questões relacionadas com o tratamento que o governo vem dando nas últimas décadas à educação e mais especificamente no tratamento com os professores. Quando da realização de entrevistas com alunos da 6ª série do turno da tarde percebemos algumas questões que levam os alunos a desistirem. Numa turma que tinha cerca de 30 alunos, 12 já eram repetentes. Perguntamos por que desistiam e responderam que ficavam desmotivados para concluir o ano, pois muitos professores faltavam as aulas, e as notas nas disciplinas não estavam boas. E, portanto, eles desistiam com medo de serem reprovados; Acham que estão perdendo tempo na escola, pois no fim do ano, não vão ser aprovados. Outros alunos afirmaram que matriculam-se com o objetivo de obter a carteira de estudante.

A educação brasileira é herdeira de um projeto que tinha como metas em 1964, o ideário de segurança nacional e de desenvolvimento econômico implantado no Brasil pelos governos militares no decorrer das décadas de 60 e 70, com continuidade no Governo Civil de José Sarney, nos anos 80, na chamada nova República. Através desta Política, o Estado passa a diminuir sucessivamente os investimentos no setor educacional. "O Brasil é um dos países, segundo dados do Banco Mundial, que menos investe em educação, aplicando apenas 3,6% do produto interno bruto, enquanto outros países capitalistas empregam em torno de 6% e 8% do PIB."⁴

³ UNICEF - IBGE, Crianças e Adolescentes: Indicadores Sociais, vol. I, Brasília 1990

⁴ Selva Guimarães Fonseca, Caminhos da História Ensinada, Campinas, SP: Papyrus, 1994 pp.19

Os números acima expostos, vem comprovar a situação atual da educação brasileira, onde o Governo, seja a nível Federal ou Estadual, a trata com descaso. Na escola pesquisada, ficou bastante claro o descaso do governo, se analisarmos o seu quadro (C.F. Anexo II) perceberemos que este apresenta várias irregularidades, não sendo propícia para se desenvolver o processo de ensino-aprendizagem de forma satisfatória. A escola não tem uma biblioteca, não tem segurança, não tem material didático para os professores utilizarem, com exceção de papel officio e de giz. Em relação ao livro didático, este só é distribuído com os alunos, nas disciplinas consideradas mais importantes, segundo a política educacional do governo, isto é, Português, Matemática e Inglês.

A distribuição do livro didático de História, também não seria a solução, para a melhoria do ensino de História nas escolas de ensino fundamental. pois ele, tem que ser bem utilizado, tem que ser questionado e não aceito como o dono da verdade. É preciso problematizar a utilização do livro didático. Pois quando o historiador produz o livro didático e cria uma representação do passado, esta pode ter múltiplas possibilidades de ser construída ele está tentando fazer uma reconstrução do passado mais o faz com o olhar no presente. Está preocupado também com a aceitação do seu livro didático no mercado editorial. São estas preocupações que o orientam na seleção das fontes e nos questionamentos aos documentos. Estas fontes que o historiador vai utilizar propiciam a elaboração de um livro, onde não se tem uma representação total de uma determinada época ou situação e sim representação de momentos particulares, estes momentos geralmente estão relacionados com a questão do poder de quem o detém. E com a questão dos heróis que a historiografia constrói através das relações de poder e da construção de heróis bastantes conhecidos na escola: como os Bandeirantes e Tiradentes pois os livros didáticos estão mais preocupados com o conservadorismo destas tradições escolares.

A constituição de 1967 deixou de vincular a porcentagem de verbas destinadas ao ensino ao orçamento geral da união. "A partir daí, o Estado passa a diminuir sucessivamente os investimentos no setor educacional. A participação do ministério da educação e cultura no orçamento decresceu de 10,6% em 1965 para 1975, e manteve-se no patamar médio de 5,5% até 1983. Em contrapartida, a rede de ensino privado cresce em todo o país, especialmente no ensino superior, anteriormente concentrado quase exclusivamente em instituições católicas. A mesma tendência ocorreu com o ensino de 2º grau, chegando a responder por 41% das matrículas em 1982."⁵

A sociedade Brasileira está atenta para o descaso do governo com a educação e luta junto com os educadores Brasileiros por um aumento das verbas públicas para o ensino. Na constituição de 1988, prevaleceu o reconhecimento da necessidade de elevação do percentual para a educação.

⁵ FIBGE, Anuário estatístico do Brasil, 1983

No seu artigo 212, a atual constituição Federal estabeleceu que a União aplicará nunca menos de 18%, e os estados e municípios aplicaram 25%, no mínimo, da arrecadação de impostos no setor educacional. E segundo o artigo 213, fica assegurada a aplicação destes recursos públicos não só nas escolas públicas, mas também em escolas comunitárias confessionais ou filantrópicas que “comproven finalidade não-lucrativa.”⁶

A política Educacional dos anos 70 e 80, diminuiu os investimentos do governo no setor estadual, seqüelas destas duas últimas décadas são observados atualmente, pois o governo desvia o dinheiro que poderia ser investido na escola pública para a privada. Criam-se privilégios para o setor privado. Lauro de Oliveira Lima, analisando o privatismo gerado pela L.D.B de 1961, afirma:

“Toda política do MEC é, fundamentalmente antipopular, pela intransigência com que se recusa a manter escolas e pelo frenesi com que pretende eximir-se das escolas superiores que, tradicionalmente, mantém transformações do Pedro II e das Universidades em fundações. A cortina de fumaça da Autonomia esconde apenas o privatismo da filosofia educacional do governo”⁷

No período dos governos militares a educação e especificamente os currículos escolares estavam voltados para atender os objetivos do governo, que era de controlar e reprimir as opiniões e os pensamentos contrários aos seus projetos autoritários. Após 1982 o país passa por um período de redemocratização este fato é percebido também na educação que desvinculam-se da Lei Nº 5692 de 11 de agosto de 1971 que foi implantada no governo Médici no auge da ditadura militar período em que à “vontade nacional”, era construída de acordo com a vontade do governo que “podia tudo”. Em outubro de 1982 o MEC sanciona alguns dispositivos desta lei que vem propiciar melhorias para o ensino de história. Passam ocorrer algumas mudanças nos currículos escolares de história. Isto vem contribuir para uma revalorização das disciplinas que tinham sido praticamente banidas dos currículos escolares (História e Geografia por exemplo).

⁶ Brasil, Constituição (1988). República Federativa do Brasil, Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 1988

⁷ Lauro de Oliveira Lima, O Impasse na Educação, 3ª Ed., Petrópolis, vozes 1969, pp177

A (DES)QUALIFICAÇÃO DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA

No início do ano de 1969, amparado pelo Ato Institucional nº 5, de dezembro de 1968, o governo, através do Decreto-Lei nº 547, de 18 de abril de 1969, autoriza a organização e o funcionamento de cursos profissionais superiores de curta duração.⁸

A implantação das licenciaturas curtas é uma medida tomada pelo governo para solucionar um problema que estava ocorrendo neste período, que era a falta de mão-de-obra especializada. Estava faltando professores para lecionarem nas escolas, em todas as áreas. O Governo não estava preocupado com a educação, nem com a formação dos professores de história. Estava preocupado em suprir o mercado, foram formados novos professores, e de preferência que estes tivessem pleno conhecimento da realidade social do país. Como este curso era de curta duração, não preparava bem o professor, e acabava, na maioria das vezes, empurrando o professor para uma alternativa mais cômoda, ou seja, utilizar o manual didático, reproduzindo-o de forma quase absoluta, reforçando um processo de ensino onde não há espaço para a crítica e a criatividade. É este o objetivo dos cursos de Licenciatura Curta em História formar professores que não tenham um conhecimento mais amplo sobre a realidade que os cerca, que não questionem os problemas sociais pois é este tipo de professor que os governos militares não queriam formar.

“O professor idealizado para produzir esse tipo de ensino deverá, portanto, ser submetido a um tratamento genericamente e superficial, o que conduzirá fatalmente a uma deformação e a um esvaziamento de seu instrumental científico. Não há que pensar em fornecer-lhes elementos que permitam analisar e compreender a realidade que o cerca. Ele também não precisa refletir e pensar, deve apenas aprender a transmitir”⁹

Na escola estadual de 1º e 2º graus Escritor Virginius da Gama e Melo onde realizamos a pesquisa, constatamos que alguns professores que lecionavam a disciplina história, tinham formação em outras áreas de ensino (C.F. Anexo III). Duas professoras concluíram o Curso de Licenciatura Plena em Geografia e uma terceira professora concluiu o Curso de Ciências Sociais. Estas professoras lecionam História na escola pesquisada porque precisam preencher a sua carga horária. Pois durante a Legislação da Lei Nº 5692/71, ocorreram mudanças no ensino de 1º e 2º graus, já que a disciplina de Estudos Sociais passa a englobar no 1º grau os conteúdos das disciplinas de Geografia e História. E o governo Médici ainda cria Cursos de Licenciatura Curta e Longa em Estudos Sociais para descaracterizar os cursos de história.

Com a Lei Nº 7044/82 o ensino das disciplinas de Humanas passam a ser valorizados, ocorrendo mudanças nos projetos de currículo e ensino das escolas de ensino

⁸ Decreto-Lei Nº 547 de 18-4-1969 - C.F.E

⁹ DÉA R. Fenelon a A Questão dos Estudos Sociais, In: Cadernos Cedes/A Prática do Ensino de História, São Paulo, Cortez/Cedes, nº 10, 1984, pp14

fundamental. Se antes com o projeto de 71 o papel da História era “integrar o aluno ao meio” passamos a “formar um novo tipo de homem consciente dos problemas e do seu papel de cidadão”.

Os professores apesar de insistirem em que a História não é feita apenas por alguns heróis, alguns indivíduos admitem que certas datas não podem deixar de ser comemoradas e citam por exemplo, o 21 de abril, e o 7 de setembro. Não se pode negar conteúdos que fazem parte da tradição histórica. Mas propõem um novo tratamento para um antigo tema. Fazer a elaboração de um contra discurso.

RELAÇÃO DA UNIVERSIDADE COM AS ESCOLAS DE 1º E 2º GRAUS

O problema do ensino de história no 1º e 2º graus, não é um problema apenas do governo, e dos professores é um problema também das universidades, pois são elas que formam os professores, delas saíram os “melhores livros didáticos, os Guias curriculares” etc...

A Universidade Federal da Paraíba está distanciada das escolas de ensino fundamental, constatamos isto durante várias visitas que fizemos a escola pesquisada. Através de conversas com professores e a direção da escola ficou demonstrado que a UFPB não mantém nenhum projeto com esta escola estadual, localizada próximo ao Campus II (C.F. Anexo VII). O único relacionamento que ocorre é quando alunos/estagiários que estão concluindo o curso de Licenciatura Plena em História visitam esta escola, pois para concluírem o curso tem que fazer um estágio numa escola estadual de 1º e 2º graus. Este poderia ser o memento utilizado pela Universidade para uma aproximação com o ensino fundamental. Mas isto não ocorre, a Universidade preocupa-se apenas em produzir o saber, a formação do professor através das teorias. A Prática o professor tem que ir adquirindo dentro da própria Universidade pois o tempo determinado para o estágio do aluno concluinte resume-se apenas a um período letivo da Universidade, é muito pouco tempo, e ainda tem que ser dividido com as atividades da cadeira da Prática de Ensino o contato efetuado com os professores de História da escola pesquisada também é restrito é no relacionamento com a escola de 1º e 2º graus que a Universidade vai buscar o aperfeiçoamento do futuro professor. A Universidade Federal da Paraíba não mantém contato permanente com a escola de ensino fundamental seria preciso um relacionamento mais prolongado entre 1º, 2º e 3º graus. A Prática de Ensino deveria ter todo o tempo do seu período dedicada ao estágio, as atividades extra-campus.

Para a Universidade, o aluno estagiário representa um papel muito importante, pois é através dele que se consegue chegar as escolas, e esta experiência é ótima, pois quando precisa tem acesso as escolas estaduais, onde os seus professores, que são orientadores dos alunos estagiários, também vão a escola e podem observar o ensino de história nestas escolas. Quanto a escola não recebe nada em troca.

É preciso mudar as relações entre o ensino fundamental e as Universidades, isto nos parece ser uma condição básica para a renovação do ensino de história.

No VI Encontro Regional da ANPUH/SP (Assis), em 1982, no debate “ideologia no ensino de história no 1º e 2º graus”, Silva analisando os vínculos entre a Universidade e o ensino de 1º e 2º graus de história afirma:

“Os professores de história de 1º e 2º graus estiveram nos recintos universitários, onde receberam os certificados que permitem desfrutar os privilégios e competências do ensino, e quem não passou por ali teve e tem contato com a produção Universitária Bibliográficas, propostas curriculares, cursos de atualização, etc...”¹⁰

O intercâmbio entre 1º, 2º, e 3º graus o curso está ocorrendo. Alguns professores que lecionaram história e concluíram o curso de licenciatura em história relataram nas suas entrevistas (C.F. Anexo IV), que ficam isolados do ensino da disciplina história, pois o Estado não oferece cursos de especialização, e eles também não entram mais em contato com a Universidade.

O intercâmbio seria salutar tanto para as escolas de ensino fundamental quanto para as universidades, pois quando isto não ocorre a Universidade também vai se distanciando da formação do seu aluno e a relação teoria e prática não pode ser tão distanciado. O aluno/estagiário que está concluindo o curso, não está familiarizado com a prática de ensino. É preciso seguir o exemplo da Unicamp, que junto com a ANPUH promoveu em 1983 a integração entre 1º, 2º e 3º graus num encontro de professores de História e Estudos Sociais. Segundo Bassaneli, professora de uma escola de 1º grau, o trabalho integrado

“mostrou a necessidade de um entrosamento constante e ampliado a outras escolas e Universidades, para o estabelecimento de um circuito de discussões, em que se refletissem os problemas relativos ao ensino de História, se divulgassem Experiências e se levantassem diretrizes para o intercâmbio do qual se beneficiaram mutuamente as escolas de 1º, 2º e 3º”¹¹

A Universidade Federal da Paraíba, promove através do Departamento de História e Geografia, a Semana de História que tem o objetivo de congrega professores da Universidade e das escolas de 1º e 2º graus para discutirem os problemas que o ensino de História apresenta e para melhorar este. A participação de professores das escolas de ensino fundamental é pequena nestes encontros fazendo com que não ocorra um intercâmbio entre as escolas e a Universidade. O DHG do Campus II deveria utilizar o material didático produzido na Semana de História para realizar oficinas de História nas escolas de 1º e 2º graus, utilizando a participação dos alunos do curso nas exposições das oficinas e realizar palestras nas escolas de ensino fundamental com os professores.

¹⁰ Marcus A. Silva (URG), Repensando a História. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 1994 pp37

¹¹ Maria Silva Bassaneli, In Cadernos CEDES, Nº 10, p.7

A DISCIPLINA DE HISTÓRIA NAS ESCOLAS DE 1º E 2º GRAUS

Segundo Elza Nadai, o ensino de História no Brasil nos anos 90, passa por um período de crises, a juventude não gosta de estudar esta disciplina, não relacionam-se didaticamente com ela, não gostam de decorar textos, e muito menos de assimilar um conhecimento que já está elaborado, pronto e acabado. Utiliza-se o livro didático como uma verdade absoluta, não se questiona ele. E este tipo de história, e ele está sendo problemático, é preciso mudar os currículos de História, deixar de dar prioridade a nomes, datas e mostrar que a História tem um papel de ajudar o homem na compreensão do seu papel na sociedade.

“Nossos adolescentes também detestam a História. Votam-lhe ódio estranhado e dela se vingam sempre que podem, ou decorando o mínimo de conhecimentos que o “ponto” exige ou se valendo lentamente da “cola” para passar nos exames. Demos ampla absolvição à juventude. A História como lhes é ensinada é, realmente, odiosa...”¹²

Se analisarmos esta citação, que há mais de meio século foi escrita, e os currículos de História demonstram ainda hoje algumas características deste modelo educativo, que foi adotado há mais de dois séculos. Pois os alunos ainda continuam achando a matéria de História muito chata. Este fato foi comprovado quando visitamos a escola pesquisada. Através da técnica de entrevistas com perguntas direcionadas, percebemos que os alunos não gostam da disciplina de História. Entrevistamos a turma da 6ª série do turno da tarde. Quando perguntamos aos alunos se eles gostam de estudar História e por quê? Eles responderam que não gostam de estudar esta disciplina. A turma é composta de 30 alunos, e apenas 02 responderam que gostam de estudar esta disciplina. Os que não gostam desta disciplina afirmaram que ela é uma matéria muito chata, que os textos trabalhados em sala de aula pelos professores são muitos extensos, e os conteúdos são muitos para se decorar, disseram ainda que as provas são difíceis, pois é preciso responder todos os quesitos da prova, e as respostas são sempre muito grandes, e ainda tem que decorar datas. Alguns alunos afirmaram que gostam do professor de História, gostam de História pois os livros são muito ilustrativos, não gostam de estudar a disciplina de História. Realizamos entrevistas com outras turmas e constatou-se que a maioria dos alunos não gostam de estudar História, além destas questões foram elaboradas outras.

¹² Murilo Mendes. A História no Curso Secundário. São Paulo, Gráfica Paulista, 1953, p. 41.

O GOVERNO DO ESTADO E A EDUCAÇÃO

O governo investe na parte física da escola, cuida da sua infra-estrutura, aumenta o número de salas de aula, mas se esquece de melhorar a situação financeira dos professores, e de cuidar dos altos índices de evasão e de repetência, um dos problemas centrais do ensino hoje. Em decorrência dos baixos salários, os professores assumem uma dupla carga, passando a lecionar em mais de uma escola, com isto não sobra tempo para as atividades suplementares, e para as reuniões das equipes, para discutir o planejamento anual da escola.

“Enquanto a Rede Municipal é responsável por 9,8% das matrículas para o ensino fundamental, a Rede Estadual oferece 78% das mesmas perfazendo 90% no Estado de São Paulo. Mesmo com esses índices indiscutíveis, criou-se através dos Lobbys privatistas adotados pela mídia, uma ideologia da importância, eficácia e necessidade da Rede Particular de Ensino”¹³.

E o governo ainda investe em escolas da Rede Privada, desviando recursos que poderiam ser direcionados para o ensino estadual. O professor fica desmotivado por que ganha pouco, o Estado não tem uma política educacional direcionada para a melhoria do quadro docente. Os professores em decorrência desta falta de política governamental, sentem-se desobrigados a solucionar o problema do ensino. Como a maioria dos professores da Rede Estadual leciona em mais de uma escola, alegam que não tem tempo para reuniões e planejamento de aulas. Quando solicitávamos os planos de aula aos professores da escola pesquisada, eles sempre alegavam que entregariam na aula seguinte. Concluímos o estágio, e não recebemos nenhum plano de aula dos professores de História. Para termos acesso a algumas de suas aulas, basta recorrermos as fichas de observações que foram utilizadas por nós, e constataremos que eles não preparavam planos de aula (C.F. Anexo V).

Na semana dedicada ao planejamento, da escola pesquisada participamos de uma reunião que foi realizada no dia 27 de fevereiro de 1996, com o objetivo de discutir a forma de planejamento das aulas. Fizeram parte desta reunião membros da Inspeção Técnica da Paraíba. Um encontro que foi marcado para discutir a questão do planejamento da escola, serviu para os professores discutirem questões de salários.

¹³ Sá Barreto, Elba Siqueira e Alves, Maria Leila “Ensino Fundamental”: Diagnóstico, São Paulo, FDE, 1991

GOVERNO - (DES)RESPEITO COM OS PROFESSORES

O professor já começa a ser desvalorizado pelo governo federal na sua formação pois concluiu o curso fazendo um estágio em uma escola estadual. Este estágio não é remunerado. E continua a sua desvalorização quando exerce a sua profissão pois o governo estadual da Paraíba não tem um projeto de educação. Não se paga um salário razoável ao quadro docente, nem se investe na sua profissão. Alguns professores entrevistados da escola pesquisada afirmaram que não fazem curso de especialização na área de História, porque o governo não oferece (C.F. Anexo IV). O governo está preocupado em construir escolas, em divulgar através dos meios de comunicação de massa (rádio, Televisão e jornais) as suas obras como recuperação de prédios escolares, e um aumento considerável do número de salas de aula. Mas não se preocupa com a questão dos salários dos professores e também com o alto número de evasão e repetência nas escolas da Paraíba. E com o cumprimento da lei, pois quando o governo decreta a instalação de concurso estadual para suprir o número de vagas que as escolas estaduais apresentam os professores classificados ficam as vezes durante muito tempo, esperando uma chamada através do Diário Oficial.

No IV Encontro Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador constatou-se que a formação do licenciando tanto na área específica quanto na pedagógica, necessita ser fortalecida e integrada, pois os educadores brasileiros que participaram deste encontro concluíram que existem deficiências na formação dos atuais profissionais nas diferentes áreas.

“A Comissão Nacional sugere uma base comum a todo o país s que expresse, para a formação do educador em qualquer área, um corpo de conhecimentos básico, estruturado em três campos fundamentais: Conhecimento Específico, Pedagógico e Integrador. O licenciado, tanto na área específica quanto na pedagógica, necessita ser fortalecido e licenciado.”¹⁴

¹⁴ Documento final do IV Encontro Nacional da Comissão de Reformulação dos cursos de formação do educador, 1989. p.20

ANEXO I

HISTÓRICO DA ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ESCRITOR VIRGINIUS DA GAMA E MELO

A ESCOLA DE 1º e 2º GRAUS ESCRITOR VIRGINIUS DA GAMA E MELO FOI CRIDA ATRAVÉS DO DECRETO-LEI, n. 10.125, publicado no DIÁRIO OFICIAL do dia 23 de Dezembro de 1983, com Escola de 1º e 2º graus, no Governo do Sr. Wilson Leite Braga e do Secretario de Educação e Cultura, Professor José Loureiro Lopes, tendo recebido este nome em homenagem póstuma ao Escritor e Crítico Literário: Virginius de Figueiredo da Gama e Melo.

Localizado no Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz, popularmente denominado de Malvinas, à Rua Penedo, S/N; possui instalações físicas consideradas indispensáveis para o funcionamento de uma Escola do seu nível, sendo que, dez (10) de suas trinta e três (33) dependências, são salas de aula com capacidade para 40 alunos, estando, portanto, em condições de absolver, nos três turnos de funcionamento, hum mil e duzentos alunos de 5ª a 8ª série do 1º grau e 1º, 2º e 3º Científico do 2º Grau.

O primeiro funcionamento foi em 1984, graças aos trabalhos abnegados dos seus fundadores, que mesmo contando com as condições mínimas para funcionamento da Escola em termos de recursos materiais e humanos atenderam aos reclames dos jovens da Comunidade recém invadida e carente de uma Escola de 1º e 2º Graus.

DIRETORA FUNDADORA: Marta Suely Ribeiro Cabral, que permaneceu na Escola até Agosto de 1985.

Diretores Adjuntos: Malaquias Siqueira S. Filho, Dione Fernandes da Silva, Ivanilda Lopes de Souza e José Alves da Silva.

PROFESSORES FUNDADORES: (do 1º grau) - Soraya Cordeiro da Silva, Cícero Velarmino Trajano, Macicleide da Costa Agra, Marcondes Antonio Lucena Souto, José de Assis de Souza, Maria Helena Barbosa, Keila Maria da Mota Silveira, Mary Gláucia de Moraes Xavier Machado, Adão Galdino da Silva, Rostand Eulalio Travassos, Osmarina Ramalho da Costa, Maria de Lourdes Lopes de Souza, Rita Soraya, Marta Alice de Oliveira, Helena Pereira Amorim, João Dantas da Silva, Gilvanete Lúcia Bezerra, Maria do Carmo Moreira Cavalcante, Ana Maria de Queiroz, Marilene Costa Fernandes e José Ricardo Nunes.

PROFESSORES FUNDADORES: (do 2º Grau) - Severino Araújo Lopes, José Camelo de Vasconcelos Neto, José Natanion de Freitas, Miriam da Silva Rivare, José Teiro, Josefa Laurino da Silva, Maria da Glória Araújo, Agnaldo Barbosa da Silva, Wushigton

Andrade Wanderley Oliveira Marthins, Maria das Neves Leite Pinto e Roberto Eulálios Travassos.

FUNCIONÁRIOS: 1º Secretaria - Rainere Gomes da Cunha, José Miguel de Moura, João Dionisio da Silva, Pedro Severino da Silva Lima, Humberto Pedroso Aguiar, Ivone Farias Botelho, Amauri de Ataíde, Maria da Guia Dantas dos Santos e José de Pádua de Oliveira.

Após treze anos de pleno funcionamento a Comunidade Escolar do Virginius da Gama e Melo, luta na busca de melhoria do processo ensino-aprendizagem em todos os seus aspectos.

ANEXO II

PARTE FÍSICA

A escola passou recentemente por um processo de reforma, só que está ocorreu internamente, o muro da escola não foi pintado e nem recuperado, a escola não tem portão pois esta caiu, e ainda não foi recolocado outro em, seu lugar, todos podem adentra a escola em sua área externa, e isto está causando problema a escola pois estão entrando pessoas indesejáveis que ficam bagunçando, todavia para ter acesso a parte interna da escola tem que passar por um portão que está sempre fechado e tem porteiro. A escola tem uma caixa d'água, e uma área coberta com seis banheiros onde são três masculinos e três femininos.

SALAS DE AULA

A Escola tem dez salas de aula em perfeito estado de conservação pois passou recentemente por uma reforma, toda sala tem um quadro para giz de ótima qualidade, a iluminação da sala também é razoável e esta foi instalada com lâmpadas fluorescentes.

SALAS DOS PROFESSORES

Esta é a sala onde os professores merendam e se reúnem na hora do recreio, ou em horários de vagas, a sala tem geladeira uma mesa grande onde pode ser feitas reuniões, local também onde os professores comem merenda e a sala também tem um quadro para giz.

SALA DO ALMOXARIFADO

Nesta sala encontra-se o material de limpeza da escola, as fichas individuais de cada aluno, as fichas dos professores e outros documentos referentes a escola, fica guardado também o pouco material didático que a escola tem como livros didáticos, giz e folhas de papel officio.

SALA DA SECRETARIA

Nesta sala encontram-se armários em numero de cinco onde são guardados material didático, fichários em número de oito onde são guardados cadernetas, material dos professores, provas de alunos etc., máquinas datilográficas em número de seis, só duas funcionam; mimeógrafos a álcool em número de três só um presta; um mimeógrafo a óleo que está funcionando; tem ainda seis birôs esta sala é utilizada para fazer as matriculas dos alunos e nesta sala também tem dois banheiros para uso dos funcionários.

A Escola ainda tem sala para o diretor, uma sala para o arquivo morto local onde se guarda a documentação mais antiga da escola, uma sala para se guarda a merenda, uma

cantina para servir a merenda aos alunos e uma sala para biblioteca, só que na escola não existe biblioteca.

No que se refere ao mapeamento dos recursos didáticos e pára-didáticos utilizados pelos professores de História e do Plano de Atividades temos pouca informação à cerca deste material ou quase nada, para ter uma idéia da real situação na semana dedicada ao planejamento que foi do dia 26 a 29, de fevereiro aos professores de história não se reuniram para debater os conteúdos, ficaram individualmente de cada uma fazer o seu próprio planejamento reuniram-se e discutiram outros assuntos, no dia 27 de fevereiro teve uma reunião entre professores e um grupo de inspetores da Inspeção Técnica da Paraíba, os professores do Virginius estavam mais preocupados em discutir o problema dos salários, e como poderiam reivindicar os seus direitos perante o Estado, queriam ter conhecimento da legislação escolar da Paraíba. Os professores de História e os demais não tinham o modelo do planejamento oficial do Estado para as séries de 1º e 2º graus. A maioria dos professores de História não estão preocupados em fazer planejamento nem anual e nem para as aulas, o que nós observamos é que não planejam as aulas. E quando agente pede para ver o planejamento deles, eles ficam sempre adiando a entrega. Mesmo sem ter ainda com o planejamento pronto depois de dois de dois meses de aula os professores de História dizem que durante o ano não dar para seguir o planejamento oficial, mas tem que fazer-se um recorte dar prioridade a alguns fatos históricos.

ANEXO III

PROFESSORES E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O número total dos professores de História para o ano letivo de 1996 é de oito professores, eis a relação dos nomes dos professores:

1 OSMARINA Ramalho da Costa ensina História nas 5ª e 7ª séries no turno manhã, fez o curso de Licenciatura Plena em História na Universidade Regional do Nordeste hoje atual UEPB e concluiu o seu curso no ano de 1987

2 - DORACI Alves Pequeno ensina História nas 6ª e 8ª séries no turno da manhã tem aulas nas segundas e terças, concluiu o curso de Ciências Sociais pela UFPB.

3 - José RENEULDO da Silva ensina História nas 7ª, 8ª, 1º e 2º no horário da tarde, concluiu o curso de Licenciatura Plena em História pela UEPB.

4 - VERA LÚCIA Silva ensina em História nas 5ª séries pelo turno da manhã concluiu o curso de Licenciatura Plena em Geografia pela URN em 1984

5 - MARIA HELENA Barbosa Mathias ensina História no horário da noite concluiu o curso de Licenciatura Curta em História só tem habilitação para ensinar ao 1º grau.

6 - Maria da GLÓRIA Batista de Araújo ensina História no turno da noite tem Licenciatura Curta em História.

7 - MIRIAM da Silva Ribeiro ensina História mais está de licença e não tive acesso a ficha dela.

8 - Maria SOCORRO R. Fernades ensina História no turno da noite e também não a encontrei e não encontrei a sua ficha nas pastas destinadas aos professores.

ANEXO IV

ENTREVISTAS COM A DIREÇÃO DA ESCOLA, PROFESSORES E ALUNOS

Foi utilizado o método da entrevista com perguntas direcionadas.

Entrevista com a Diretora Geral Maria Josênia Duarte Pereira

Qual a explicação para o número alto da evasão escolar e de repetentes?

A evasão escolar ocorre em detrimento a vários fatores, é complexo você tentar identificar as causas da evasão, uma que ocorre em demasia é a de que, muitos alunos se matriculam e só estão em conseguir tirar a carteira de estudante, outros quando percebem que não tem mais condições de passar no final do ano também desistem, quanto ao número alto de reprovados eu acho que é por que muitos alunos não se interessam em estudar, passam o ano todo perdendo muitas aulas, fazendo bagunça e no final do ano querem passar. Os professores não tem condições de passar estes alunos. Também a escola no último ano enfrentou muitos problemas um dos que talvez prejudicaram muito os alunos foi o fato de que no final do ano a escola não tinha professores em quatro disciplinas, mesmo muitos alunos tendo passado este fato lhes foi prejudicial, pois eles vão sentir a carência de não ter estudado todo o conteúdo destas disciplinas na própria série que vão cursar. Também tem o caso de muitos alunos, que vão para a escola com a intenção de merendar, principalmente alunos do 1º grau. Ainda tem o caso de muitos alunos que se matriculam na escola e só vem os primeiros dias de aula, estes saem de suas casas dizendo aos pais que vem para a escola, mas na verdade ficam pela rua não chegam à escola. Nas reuniões que fizemos com os pais dos alunos este fato foi constatado.

Quais as condições sócio-econômicas dos pais dos alunos que frequentam o colégio?

As condições são as mais possíveis, a situação financeira dos pais dos alunos é precária isto é, pode ser comprovada pela situação do Conjunto das Malvinas. As casas são doadas pelo governo e nem a prestação os moradores conseguem pagar em dia. Não existe uma feira no bairro, existem ruas que ainda não estão pavimentadas, o transporte dos moradores, ocorre mais através dos coletivos. O número de carros particulares no conjunto das Malvinas é pequeno, perto da escola existe um canal a céu aberto. São famílias numerosas onde só o pai trabalha, tem que deslocar-se de casa até o centro ou para outros bairros no local em que trabalham. Em decorrência de estarem sempre trabalhando os pais não tem condições de fazer um acompanhamento do aprendizado dos seus filhos.

Entrevista com o professor de História José RENEULDO da Silva através da técnica do questionário com perguntas já elaboradas:

1 - Qual a sua formação? Por que você ensina história? (se tiver formação em outra área) há quanto tempo ensina história?

Eu tenho Licenciatura Plena em História pela UEPB, e tenho também especialização em História do Nordeste pela UEPB. Eu ensino história por que gosto amo a minha profissão no início fiz faculdade no curso de economia não gostei depois fiz vestibular para jornalismo passei entrei novamente na faculdade, não passei muito tempo deixei novamente e por fim fiz o vestibular para história passei adorei o curso. Mas se fosse hoje pensaria duas vezes em seguir esta profissão de professor no início eu era um sonhador pensava que fazendo o curso de história isto iria me ajudar a mudar o mundo, hoje se fosse para eu optar eu francamente iria fazer o curso de economia. Faz mais de um ano que eu estou ensinando aqui no Virginius, e faz mais de cinco anos que eu ensino história. O horário que eu dou aula é o da tarde ensino nas 7ª, 8ª no 1º grau e ao 1º e 2º ano científico. Eu gosto de trabalhar com estagiários pois agente aprende muito com vocês, pois estão sempre trazendo algo de novo para nós principalmente na disciplina como História da Paraíba, onde o material para se trabalhar é muito escasso, eu acho que todos nós saímos ganhando com os estagiários é bom para a escola, para nós e para vocês que quando vem para a escola quebram a rotina e isto é bom para a turma.

2 - Você acha que os professores podem contribuir para que os alunos se interessem pelo estudo de história? Como?

Eu acho que sim, pois é só o professor utilizar novas técnicas no ensino de história, fazer com que os alunos deixem só de decorar o texto que eles passem a questionar o assunto, comecem a elaborar a sua própria visão acerca de determinados fatos. Eu trabalho numa visão nova da história tentando mostrar a meus alunos que não existem verdades absolutas acerca da história, desmistificar que história é só decoreba. Para ele o profissional de história tem que impor isto é, eu acho que temos que conseguir o respeito dos colegas na escola pois os professores de outra área desrespeitam o professor de história. Insinam para que serva história? querem sempre deixar as últimas aulas de história para o último horário.

3 - Qual a matéria que os alunos mais se interessam? Por que?

Eu acho que as matérias que os alunos mais se interessam são aquelas que o sentido de abstração é pouco são disciplinas que os alunos aprendem brincando como educação artística e inglês, pois são coisas novas para os alunos. Eles adoram falar inglês mesmo que seja o “inglês de falcão” o cantor nordestino que está fazendo grande sucesso.

4 - Você percebe algum interesse dos alunos pelo estudo de história? por que?

Eu acho que é muito pouco interesse que os alunos demonstram pelo estudo da história, pois ficou-se habituado a relacionar a disciplina história a uma disciplina não muito importante, ele não é levada muito a sério pelos currículos escolares. Na teoria é tudo muito fácil, mais quando se chega na prática a coisa muda totalmente. As escolas não oferecem nada aos professores para trabalhar o material didático fica restrito para o quadro e giz. Nem livro as escolas tem para os professores, o professor já ganha pouco e ainda é obrigado a comprar o livro. Não da para seguir o planejamento oficial do Estado, pois os assuntos são muito extensos, faz-se um resumo do planejamento, pega-se só os fatos principais, pois o professor tem que ele mesmo produzir os textos, e rodar no mimeógrafo pois a escola só dispõe deste material. a realidade é dura.

5 - Você já participou de algum curso de aperfeiçoamento para professores de história?

Eu já participei de um curso em especialização de história do nordeste, promovido pela UEPB, mais no que se refere a história da Paraíba, o curso ficou muito a desejar. Esta é uma disciplina muito importante e aqui na escola pesquisada é trabalhada no 1º ano científico, mais o material que trata do assunto a respeito acerca da história da Paraíba é muito restrito, não se produz quase nada acerca de história da Paraíba o material que trabalhamos já é muito velho, esperamos que vocês como estagiários que estão saindo da Universidade Federal da Paraíba local onde se produz o saber tragam algo de novo para a escola principalmente na área de história da Paraíba.

Eu trabalho geralmente com livros didáticos e também utilizo muito textos em minhas aulas, os autores que eu gosto mais de trabalhar são Gilberto Coutrim, Ademar Ricardo, Nelson Pileque, Carlos Guilherme Mota etc...

Entrevista com a professora de História DORACI Alves Pequeno

1 - Qual a sua formação? Por que você ensina história? (se tiver formação em outra área) há quanto tempo ensina história?

Eu tenho Licenciatura plena em História e Geografia pela UEPB, e tenho especialização em sociologia, eu adoro ensinar história faz nove anos que eu estou na escola Virgínius, e ao todo são 26 anos que leciono na rede estadual, já fui professora da UEPB e também já ensinei em escolas privadas, deixei de ensinar nas escolas particulares por que não me sentia bem pois tínhamos que ficar preso ao regulamento e a metodologia das escolas particulares, embora na rede privada o salário fosse melhor optei por lecionar na rede pública onde me sinto com maior liberdade para ensinar aos meus alunos da maneira que me convir. Ensino história as 6ª e 8ª séries no horário da manhã nas segundas e quartas feiras e também ensino geografia no horário da tarde.

2 - Você acha que os professores podem contribuir para que os alunos se interessem pelo estudo da história? como?

Eu acho que sim é só o professor tentar melhorar o nível de ensino, utilizar novas metodologias, para que os alunos se interessem pela disciplina, utilizar o vídeo nas salas de aula. Só que a escola não oferece condições para melhorar o ensino. Nem o livro didático a escola tem para distribuir com os alunos e nem para nós. A gente é que tem que comprar o livro. O único material que temos na escola para trabalhar é o quadro e giz, não temos mapas, e o mimeógrafo onde se poderia produzir um texto para se distribuir com a turma é de péssima qualidade.

3 - Qual a matéria que os alunos mais se interessam? Por que?

Eu acho que os alunos se interessam mais por português e matemática por que elas reprovam muito no final do ano. Eles tem medo destas disciplinas e se dedicam mais a elas.

4 - Você percebe algum interesse dos alunos pelo estudo de história? Por que?

Eu percebo embora este interesse, que seja pouco disfarçado parece que os alunos tem medo de gostarem de história, talvez por que estão sempre ouvindo dizer que a história não é uma disciplina fundamenta, que mesmo você não se interessando pelas aulas, no final do ano você passa na disciplina e que se for seguir uma carreira profissional ai é o que piora, pois o professor ganha pouco.

5 - Você já participou de algum curso de aperfeiçoamento para professores de história?

Eu fiz especialização em museologia, que é na área de história, e fiz especialização também em educação. Sempre participo da semana de história da UEPB. E não faço especialização em história seja do Brasil, seja história Moderna por que o Estado não oferece, depois que começamos a lecionar fica difícil participar, o tempo é pouco.

Entrevista com a professora de História OSMARINA Ramalho da Costa

1 - Qual a sua formação? Por que você ensina História? (se tiver formação em outra área) há quanto tempo ensina história?

Eu tenho Licenciatura Plena em História e Curta em Estudos Sociais, concluí o meu curso na Universidade Regional do Nordeste. Na escola pesquisada faz, 11 anos que eu leciono ensinando história e geografia. Ensinei na primeira fase durante 11 anos também são ao todo vinte e dois anos de magistério.

2 - Você acha que os professores podem contribuir para que os alunos se interessem pelo estudo de história? Como?

Eu acho que sim é só proporcionar ao aluno um melhor entendimento do que seja a disciplina história, utilizar novas fontes de pesquisas, utilizar material didático que as escolas não tem, fazer a apresentação de vídeos para trabalhar filmes com os alunos.

3 - Você percebe algum interesse dos alunos pelo estudo da história? Por que?

Eles não se interessam muito pela disciplina por que dizem que ele não reprova que os temas das aulas são coisas do passado, principalmente nas 7^a séries, que eles não se interessam por estes temas de sociedades do passado e que história tinha que ser trabalhada sempre na perspectiva do presente. É ruim estudar civilizações antigas como a do Egito, a da Mesopotâmia etc...

4 - Qual a matéria que os alunos mais se interessam? Por que?

Eu acho que eles se interessam mais por português, educação artística, inglês, por que são disciplinas mais fáceis segundo os próprios alunos. Eles dizem que não gostam de história pois os assuntos são muito grande para se decorar, a escola não tem livros didáticos para entrega aos alunos.

5 - Você já participou de algum curso de aperfeiçoamento para professores de história?

Eu não participei por que o Estado não oferece oportunidade para nós fazermos cursos de aperfeiçoamento, não tem tempo para participar de outros cursos de aperfeiçoamento promovidos por outras entidades, além do que nós se sentimos desestimulados pois o salário do professor é baixíssimo.

Entrevista com os alunos da 6ª série B do turno da tarde

A turma composta de adolescentes apresenta alunos numa mesma faixa-etária de idade, é uma boa turma para se trabalhar pois alunos participaram ativamente da entrevista, que foi direcionada ao grupão, através de perguntas já elaboradas e de algumas que surgiram durante a discussão.

1 - Vocês gostam de estudar? por que?

A maioria dos alunos responderam que gostam de estudar, por que só assim é que nós poderemos conseguir uma boa profissão. É difícil aprender passar de série tem que ralar muito. Felipe um dos alunos da turma disse que no mundo de hoje todos temos que estudar para podermos engressar no mercado de trabalho a competição esta acirrada por um trabalho, Paulo disse que é bom estudar pois assim você consegue novos colegas e faz bastantes amizades.

2 - Qual a matéria que vocês gostam mais de estudar?

De uma forma democrática pedimos aos alunos, que cada um individualmente respondesse qual a matéria que gosta mais de estudar, e que respondessem apenas uma. A turma comporta uns 30 alunos, mais como era o nosso primeiro contato, com os alunos desta escola, ocorreu um pouco de inibição entre eles e nós. Mais a participação foi boa embora só um certo grupo de alunos, participou pois as perguntas eram feitas ao grupão e quem quisesse que falasse. Só que especialmente com esta pergunta fizemos uma votação na classe eis o resultado: Matemática - 07 alunos; Português - 03 alunos; Ciências - 05 alunos; Educação Artística - 10 alunos; Inglês - 08 alunos; História - 02 alunos. Percebemos depois da votação que a participação melhorou muito, e que os alunos gostam das disciplinas de pouca abstração como Educação Artística e Inglês.

3 - Vocês gostam estudar História? Por que?

A estatística mostra que 95% dos alunos entrevistados não gostam de estudar história uma matéria muito chata. Os alunos afirmaram que os textos são muito grande, e é muito assunto para decora, as provas são difíceis pois eles tem que responder todos os quesitos, e as respostas são sempre muito grande, sem falar que tem que decorar todas aquelas datas. Alguns afirmaram que gostam do professor de história deles, gostam da história pois os livros são muito ilustrativos, mais não gostam de estudar história.

4 - Quantos desistentes tem nesta turma? por que vocês desistiram?

Solicitamos para que os alunos levantassem o braço, e doze alunos o fizeram, numa turma que tem por média trinta alunos a turma de desistiam é alta. Então perguntamos por que eles desistiam. Muitos não responderam mais os poucos que responderam afirmaram que ficam desmotivados para concluir, o ano e apontaram outros fatores como: muitos professores faltam as aulas as notas nas disciplinas não estão muito boa, e eles desistem com medo de serem reprovados, acham que estão perdendo tempo na escola, pois no fim do ano não vão passar mesmo. Outros afirmaram que se matriculam mais com o objetivo de tirar a carteira de estudante.

5 - Quando vocês respondem a prova de história os professores aceitam qual o tipo de resposta?

Os alunos responderam que na escola pesquisada os professores aceitam tanto o tipo de resposta, que os alunos estão mais acostumados, como aquela tradicional em que o aluno decora o texto e respondem. Como também consideram certo quando os alunos respondem a questão de forma aberta dando a sua opinião sobre o fato histórico estudado, desde que esteja coerente com o fato estudado. Muitos alunos chamaram a atenção para o fato de que a escola, não tem material didático, não tem livros para eles trabalharem em sala de aula. Disseram também que gostam quando os professores trabalharam com seminários. Eles, também disseram que a escola não tem biblioteca e isto é ruim para eles, pois não tem onde pesquisar sobre determinado assuntos.

6 - Quando vocês concluírem o 3º ano científico pretendem fazer vestibular? para que? por que?

Os alunos não mostraram grande interesse por este assunto, alguns que responderam e foi muito pouco disseram que queriam fazer vestibular para ciências contábeis, computação, etc... os que responderam que iam fazer para ciências contábeis, disseram que era por que gostavam muito da matemática, outros disseram que iam fazer para computação, por que todo mundo só falava em computação, a mídia divulga muito a computação.

7 - Quando vocês concluírem o 3º ano científico pretendem fazer vestibular para história? se não por que?

Os poucos alunos que se posicionaram acerca deste tema responderam que não vão fazer vestibular para história, por que passa muito tempo estudando, você chega a perder noites de sono, e não tem futuro, pois vão ser professores, e os alunos sabem que professores ganham pouco, e também qual a realidade do ensino no Brasil. Eles tem o exemplo na sua própria escola que falta de tudo: biblioteca, material didático, professores etc...

8 - Quais as disciplinas que vocês mais temem? Por que?

Os alunos responderam que é matemática e português as duas disciplinas que eles mais temem, por que são as mais difíceis de aprender, e esta constatação dos alunos não é atoa pois as disciplina que mais reprovam na escola pesquisada foi exatamente matemática e português.

9 - Qual o relacionamento de vocês com os professores de história? se é bom por que? se é ruim por que?

Os alunos responderam que relacionamento é bom, por que os professores de história são muitos amigos, muitos alunos chegaram a afirmar que gostam mais dos professores do que da disciplina de história.

Entrevista com os alunos da Sétima série da tarde:

O procedimento foi o mesmo com os da 6ª série, apresentamo-nos perante a classe e pedimos que os alunos se apresentassem um por um e depois entramos num diálogo com a turma. A turma é menor do que a da 6ª, os alunos não participaram tão ativamente, quanto os da sexta. Nesta turma a faixa etária de idade dos alunos já segue a escadinha. A turma não é homogênea, existe também alunos repetentes e desistentes o que não muda em relação do panorama da 6ª série. Os alunos continuam a não gostar de história a ter medo de matemática e português e a não posicionar acerca do vestibular.

ANEXO V

**PROPOSTA PARA A FASE DA OBSERVAÇÃO NA PRÁTICA DE ENSINO DO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA.**

A observação na escola de estágio deve ser considerada uma prática pedagógica para o estagiário, na medida em que lhe se aproxime do professor-regente na condição de professor auxiliar.

Essa condição lhe permite o conhecimento da prática pedagógica do professor-regente, evitando o constrangimento de colocar-se diante do mesmo com atitudes vigilantes e policiais.

A observação deve ser utilizada de forma mais agradável, através do acompanhamento do estágio nas aulas do professor regente. Esse acompanhamento, na nossa opinião deve se proceder a partir das seguintes atitudes do estagiário:

- a) procurar o professor da turma onde vai trabalhar e colocar-se na condição de professor-auxiliar, procurando não emitir opiniões ou sugestões. A idéia é se colocar como auxiliar das práticas pedagógicas planejadas pelo professor.
- b) A observação deve ser participante:
 - * tomar conhecimento prévio do planejamento da aula, tirando dúvidas sobre os passos sugeridos no plano;
 - * auxiliar durante a aula através de:
 - escrever no quadro (se necessário);
 - colocar mapas ou recursos didáticos no quadro;
 - auxiliar nos exercícios aplicados em sala de aula (se houver).

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 01/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO	Carlos Alberto Brasil Guerra		
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO	E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo		
DISCIPLINA	História Moderna	SÉRIE	8ª B
		GRAU	1º
4. NOME DO ORIENTADOR	Fábio		
5. HORÁRIO DA AULA	15:30 às 8:30	Nº DA AULA OBSERVADA	1ª
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA	12		
7. ASSUNTO DE AULA	O Renascimento na Itália		
8. TÍTULO DA AULA	O Renascimento		

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA A Professora Duraci, ficou de entrega o planejamento para a próxima aula

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

A Professora Duraci, trabalhou muito bem as características do renascimento Italiano, os artistas e Intelectuais que se destacaram no período, e a influência do Renascimento

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

A Professora trabalhou só com o quadro para giz, escreveu o texto no quadro, de onde os alunos copiaram para o caderno

a) Que método foi utilizado? O positivista

b) Como foi trabalhada a problematização? Girou em torno dos artistas e intelectuais do período como maquiável, Leonardo da Vinci, Gioito, Michelangelo, etc.

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

(X) Sim () Não

Quais? Utilizou o quadro para giz e o livro didático

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

(X) Sim () Não

COMENTAR Duraci passou um questionário no quadro para os alunos mas não foi respondido nesta aula ficou para a próxima

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional (X)
- aula expositiva dialogada ()
- aula expositiva a partir do tema gerador ()
- outros (especificar) _____

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

A relação também foi tradicional

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: (X) Sim () Não

. Como foram manifestados esses interesses? poucos alunos mostraram interesse pelas aulas

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORMA CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 01/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO	Carlos Alberto Brasil Guerra		
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO	E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo		
DISCIPLINA	História Moderna	SÉRIE	8ª B
		GRAU	1º
4. NOME DO ORIENTADOR	Fábio		
5. HORÁRIO DA AULA	9:30	Nº DA AULA OBSERVADA	2ª
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA	12		
7. ASSUNTO DE AULA	O Renascimento na Itália (exercício)		
8. TÍTULO DA AULA	O Renascimento		

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA A Professora Duraci, ficou de entrega o planejamento para a próxima aula

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

Nesta aula Duraci trabalhou com os alunos o exercício, em sala de aula formou um grupo para debater as questões do exercício e mostrou domínio do conteúdo na discussão que fica restrita há um ou dois alunos não terminou-se o exercício, e ficou para ser feito em casa

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

A forma de reunir todos em reunião para discutir o texto tentando resolver o exercício, eu também participei da discussão para que a maioria dos alunos não se interessaram e não resolveram todo o exercício

a) Que método foi utilizado? Positivista

b) Como foi trabalhada a problematização? Não Houve

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

(X) Sim () Não

Quais? Utilizou o quadro para giz e o livro didático

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

(X) Sim () Não

COMENTAR Um exercício com perguntas direcionadas para observar se os alunos entenderam o texto

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional ()

- aula expositiva dialogada ()

- aula expositiva a partir do tema gerador ()

- outros (especificar) A aula foi trabalhada através da forma de um grupo para debater-se a resolução do exercício

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

A relação foi mais de aproximação da técnica do grupo pois a turma era pequena, o que na teoria facilitava o debate

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: () Sim (X) Não

Como foram manifestados esses interesses? A maioria não manifestou interesse pois nem o exercício foi resolvido

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORMA CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 01/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO		Carlos Alberto Brasil Guerra	
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO		E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo	
DISCIPLINA	História Moderna	SÉRIE	6ª B
		GRAU	1º
4. NOME DO ORIENTADOR		Fábio	
5. HORÁRIO DA AULA	10:15	Nº DA AULA OBSERVADA	3ª
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA		21	
7. ASSUNTO DE AULA		A Constituição da Mandioca	
8. TÍTULO DA AULA		O Primeiro Reinado	

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA A Professora Duraci, ficou de entregar o planejamento para a próxima aula

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

A professora Duraci teve domínio do conteúdo explicou muito bem o que foi a constituição da mandioca, a carta outorgada e explicou o que foi o Primeiro Reinado pois era uma continuação da anterior.

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

Ela utilizou só o quadro para giz e o livro didático

a) Que método foi utilizado? O positivista

b) Como foi trabalhada a problematização? Não ocorreu

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

(X) Sim () Não

Quais? Utilizou o quadro para giz e o livro didático

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

() Sim (X) Não

COMENTAR _____

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional (X)
 - aula expositiva dialogada ()
 - aula expositiva a partir do tema gerador ()
 - outros (especificar) _____
-

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

Foi a relação tradicional o professor copiar no quadro os alunos no caderno _____

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: (X) Sim () Não

. Como foram manifestados esses interesses? Poucos alunos manifestaram interesse na aula pois poucos questionaram ou fizeram perguntas _____

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORMA CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 01/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO	Carlos Alberto Brasil Guerra		
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO	E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo		
DISCIPLINA	História do Brasil	SÉRIE	6ª A
		GRAU	1º
4. NOME DO ORIENTADOR	Fábio		
5. HORÁRIO DA AULA	7:45	Nº DA AULA OBSERVADA	4ª
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA	21		
7. ASSUNTO DE AULA	A Constituição da Mandioca (exercício)		
8. TÍTULO DA AULA	O Primeiro Reinado		

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA A professora.

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

A aula tratava do mesmo assunto do anterior, ele mostra clareza na exposição e depois começou a trabalhar o questionário na sala

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

A professora utilizou o quadro para giz da forma correta dividindo ele por partes, para que os alunos compreendessem melhor o que estava sendo escrito

a) Que método foi utilizado? O positivista

b) Como foi trabalhada a problematização? Não ocorreu

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

(X) Sim () Não

Quais? Utilizou o quadro para giz e o livro didático

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

(X) Sim () Não

COMENTAR Um exercício que foi trabalhado em sala de aula mais nem todos os alunos responderam, e ficou para ser concluído na próxima aula

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional (X)
 - aula expositiva dialogada ()
 - aula expositiva a partir do tema gerador ()
 - outros (especificar) _____
-

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

A relação é regular, a professora tenta fazer com que os alunos participem da aula só que eles não participam

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: (X) Sim () Não
- . Como foram manifestados esses interesses? Poucos alunos demonstraram interesse pela aula
-

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORMA CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 09/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO		Carlos Alberto Brasil Guerra	
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO		E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo	
DISCIPLINA	História Moderna	SÉRIE	8ª A
		GRAU	1º
4. NOME DO ORIENTADOR:		Fábio	
5. HORÁRIO DA AULA	8:30	Nº DA AULA OBSERVADA	5ª
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA		19	
7. ASSUNTO DE AULA	O Renascimento das Ciências		
8. TÍTULO DA AULA	O Renascimento Cultural		

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA Ficou de ser entregue na próxima aula

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

O conteúdo foi exposto através do quadro de giz o professora não debateu o conteúdo, fez só cópia no quadro é como de praxe na próxima aula ela faz um exercício

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

Utilizou o quadro para giz

a) Que método foi utilizado? O positivista

b) Como foi trabalhada a problematização? Não ocorreu

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

(X) Sim () Não

Quais? Utilizou o quadro para giz e o livro didático

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

(X) Sim () Não

COMENTAR Ficou para a próxima aula através de um exercício

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional ()
- aula expositiva dialogada ()
- aula expositiva a partir do tema gerador ()
- outros (especificar) A professora fez só copiar o texto

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

A relação boa os alunos estão começando a participar da aula

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: (X) Sim () Não
. Como foram manifestados esses interesses? A maioria dos alunos copiaram o texto do quadro enquanto conversavam

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORMA CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 01/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO		Carlos Alberto Brasil Guerra	
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO		E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo	
DISCIPLINA	História do Brasil	SÉRIE	6º A
		GRAU	1º
4. NOME DO ORIENTADOR		Fábio	
5. HORÁRIO DA AULA	9:30	Nº DA AULA OBSERVADA	6ª
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA		18	
7. ASSUNTO DE AULA	A Confederação do Equador (Exercício)		
8. TÍTULO DA AULA	O Primeiro Reinado		

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA Ficou para ser entregue na próxima aula

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

A professora trabalhava pouco o conteúdo em sala de aula pois a aula foi dedicada a resolução de exercício

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

Nesta aula nenhum, pois a professora fez só copiar o exercício no quadro e não fez uma debate com as respostas pois os alunos não chegaram nem a responder os exercícios

a) Que método foi utilizado? O positivista

b) Como foi trabalhada a problematização? Não ocorreu

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

(X) Sim () Não

Quais? Utilizou o quadro para giz e o livro didático

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

(X) Sim () Não

COMENTAR Um exercício que foi trabalhado em sala de aula mais nem todos os alunos responderam, e ficou para ser concluído na próxima aula

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional (X)
- aula expositiva dialogada ()
- aula expositiva a partir do tema gerador ()
- outros (especificar) _____

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

A relação é regular

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: () Sim (X) Não
. Como foram manifestados esses interesses? Poucos alunos responderam o exercício em sala de aula deixaram para fazer em casa

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORAM CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA - 95.2

**PROPOSTA PARA A FASE DA OBSERVAÇÃO NA PRÁTICA DE ENSINO DO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA.**

A observação na escola de estágio deve ser considerada uma prática pedagógica para o estagiário, na medida em que lhe se aproxime do professor-regente na condição de professor auxiliar.

Essa condição lhe permite o conhecimento da prática pedagógica do professor-regente, evitando o constrangimento de colocar-se diante do mesmo com atitudes vigilantes e policiaescas.

A observação deve ser utilizada de forma mais agradável, através do acompanhamento do estágio nas aulas do professor regente. Esse acompanhamento, na nossa opinião deve se proceder a partir das seguintes atitudes do estagiário:

- a) procurar o professor da turma onde vai trabalhar e colocar-se na condição de professor-auxiliar, procurando não emitir opiniões ou sugestões. A idéia é se colocar como auxiliar das práticas pedagógicas planejadas pelo professor.
- b) A observação deve ser participante:
 - * tomar conhecimento prévio do planejamento da aula, tirando dúvidas sobre os passos sugeridos no plano;
 - * auxiliar durante a aula através de:
 - escrever no quadro (se necessário);
 - colocar mapas ou recursos didáticos no quadro;
 - auxiliar nos exercícios aplicados em sala de aula (se houver).

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 01/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO	Carlos Alberto Brasil Guerra		
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO	E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo		
DISCIPLINA	História do Brasil	SÉRIE	2º Científico
		GRAU	2º turma única
4. NOME DO ORIENTADOR	Fábio		
5. HORÁRIO DA AULA	13:45	Nº DA AULA OBSERVADA	1ª
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA	25		
7. ASSUNTO DE AULA	Expansão Portuguesa		
8. TÍTULO DA AULA	A Expansão Comercial e Marítima Européia		

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA O professor da disciplina (Reneuldo) comprometeu-se à entregar o planejamento da aula, no próximo encontro.

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

O professor mostrou como manifestou-se o pioneirismo da expansão portuguesa, conseguindo demonstrar domínio e clareza, neste assunto, mas quando mostrou a diferença entre expansão portuguesa conduzida pela burguesia mercantil e a conduzida pela nobreza, faltou um pouco de clareza na exposição.

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

O domínio que o professor tem da turma e a forma de como ele trabalhava o texto, pedindo que um aluno leia um parágrafo, que outro comente, e depois pergunta se alguém se opõe, ou concorda como aluno que comentou o parágrafo.

a) Que método foi utilizado? Novas tendências historiográficas.

b) Como foi trabalhada a problematização? Não se problematizou nenhum aspecto da expansão portuguesa.

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

Sim Não

Quais? O professor trabalha muito pouco com o quadro para giz, só utilizou um texto, e o livro didático

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

Sim Não

COMENTAR O professor utilizou o tempo da aula (45 minutos), para a exposição do assunto, o exercício ficou para ser trabalhado na próxima aula

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional ()
- aula expositiva dialogada (X)
- aula expositiva a partir do tema gerador ()
- outros (especificar) _____

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

A relação é boa, o professor motiva bastante a turma, e utiliza formas sutis, para que a maioria dos alunos participem da aula

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: Sim Não

. Como foram manifestados esses interesses? Pela participação de muitos tiveram na aula, ao comentarem os parágrafos do texto

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORAM CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO: O professor utiliza um livro básico, mas não se detém nele, este serve mais como orientador: ARRUDA, José Jobson e PILEITI, Nelson. Toda a História. História Geral e História do Brasil Editora Ática, São Paulo. 1991

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 08/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO	Carlos Alberto Brasil Guerra		
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO	E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo		
DISCIPLINA	História da Paraíba	SERIE	1º Científico
		GRAU	2º turma A
4. NOME DO ORIENTADOR	Fábio		
5. HORÁRIO DA AULA	15:30	Nº DA AULA OBSERVADA	2ª
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA	21		
7. ASSUNTO DE AULA	A capitania de Itamaracá		
8. TÍTULO DA AULA	Nas origens da Paraíba		

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA O professor da disciplina (Reneuldo) comprometeu-se à entregar o planejamento da aula na próxima aula

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

O professor demonstrou domínio quando expôs o conteúdo, deixou claro a vinculação paraibana a Itamaracá, o sistema de Capitánias Hereditárias e também foi bastante claro quando se referiu aos fracassos e êxitos na conquista do território

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

A forma de como é trabalhado o texto em sala de aula propiciando aos alunos participarem ativamente da aula, pois alguns comentam um parágrafo do texto enquanto outros vão aceitar ou não a opinião do colega

a) Que método foi utilizado? Novas tendências historiográficas

b) Como foi trabalhada a problematização? Não se problematização

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

(X) Sim () Não

Quais? Um texto e o livro didático

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

() Sim (X) Não

COMENTAR Será utilizado um exercício na próxima aula

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional ()
- aula expositiva dialogada (X)
- aula expositiva a partir do tema gerador ()
- outros (especificar) _____

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

A relação é boa, o professor motiva bastante a turma, e utiliza formas sutis, para que a maioria dos alunos participem da aula

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: (X) Sim () Não

. Como foram manifestados esses interesses? Pela participação que os alunos demonstram na aula

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORAM CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO: O professor comentou que o material sobre história da Paraíba, para ser trabalhado em sala de aula é muito restrito. Ele utiliza um livro básico, mas não se detém sobre ele - OCTÁVIO, José, História da Paraíba = Lutas e Resistência Editora União, Paraíba, 1994. O professor utiliza a metodologia de fazer um exercício, toda vez que concluir um assunto

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 08/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO	Carlos Alberto Brasil Guerra		
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO	E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo		
DISCIPLINA	História da Paraíba	SÉRIE	1º Científico
		GRAU	2ª turma A
4. NOME DO ORIENTADOR	Fábio		
3. HORÁRIO DA AULA	16:15	Nº DA AULA OBSERVADA	3ª
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA	18		
7. ASSUNTO DE AULA	A capitania de Itamaracá		
8. TÍTULO DA AULA	Nas origens da Paraíba (reunião/exercício)		

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA O professor da disciplina (Reneuldo) comprometeu-se à entregar o planejamento da aula, no próximo encontro.

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

O professor fez uma revisão acerca da vinculação da capitania de Itamaracá a Pernambuco, abordando o tema dos fracassos e êxitos da conquista do território, e depois fez um exercício que foi respondido em sala de aula.

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

A forma de como ele estruturou a revisão dando prioridade aos aspectos centrais da discussão, todavia não se aprofundou nas questões do tema e como foi trabalhado o exercício.

a) Que método foi utilizado? Novas tendências historiográficas

b) Como foi trabalhada a problematização? Não Houve

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

(X) Sim () Não

Quais? O professor trabalha muito pouco com o quadro para giz, só utilizou um texto, e o livro didático

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

() Sim (X) Não

COMENTAR Um exercício, com perguntas já elaboradas sobre o assunto estudado

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional ()

- aula expositiva dialogada ()

- aula expositiva a partir do tema gerador ()

- outros (especificar) Durante a aula foi feita uma revisão e um exercício

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

A relação é boa, o professor tem um controle da turma, é amigo dos alunos e isto é demonstrado pela participação dos alunos

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: (X) Sim () Não

. Como foram manifestados esses interesses? Pela participação de muitos tiveram na aula

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORAM CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 08/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO	Carlos Alberto Brasil Guerra		
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO	E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo		
DISCIPLINA	História do Brasil	SÉRIE	2º Científico GRAU: 2º
4. NOME DO ORIENTADOR	Fábio		
3. HORÁRIO DA AULA	13:45	Nº DA AULA OBSERVADA	4ª
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA	22		
7. ASSUNTO DE AULA	O Sistema Colonial		
8. TÍTULO DA AULA	O Sistema da Época Moderna		

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA O professor da disciplina comprometeu-se à entregar o planejamento da aula, no próximo encontro

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

O professor demonstrou clareza na exposição acerca do mercantilismo teve domínio do conteúdo exposto em sala de aula, quando mostrou o modelo inicial com a prática econômica, e como o Sistema Colonial enquadra-se na política mercantilista

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

A forma de como é trabalhado o texto em sala de aula, propiciando que os alunos participaram ativamente da aula, pois a maioria dos alunos tem que comentar alguns parágrafos do texto

a) Que método foi utilizado? Novas tendências historiográficas

b) Como foi trabalhada a problematização? Não se problematização

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

(X) Sim () Não

Quais? Um texto e o livro didático. O professor utiliza muito pouco o quadro

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

() Sim (X) Não

COMENTAR Será utilizado um exercício na próxima aula

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional ()
- aula expositiva dialogada (X)
- aula expositiva a partir do tema gerador ()
- outros (especificar) _____

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

A relação é boa, o professor tem um controle da turma, é amigo dos alunos e isto é demonstrado pela participação dos alunos

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: (X) Sim () Não

. Como foram manifestados esses interesses? Pela participação de muitos tiveram na aula

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORAM CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 08/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO	Carlos Alberto Brasil Guerra		
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO	E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo		
DISCIPLINA	História do Brasil	SÉRIE	1º Científico
		GRAU	2º Turma A
4. NOME DO ORIENTADOR	Fábio		
5. HORARIO DA AULA	15:30	Nº DA AULA OBSERVADA	5ª
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA	25		
7. ASSUNTO DE AULA	Os Tabajaras Contra os Potiguaras		
8. TÍTULO DA AULA	Nas origens da Paraíba		

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA O professor da disciplina comprometeu-se à entregar o planejamento da aula, no próximo encontro

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

Na exposição o professor falou por que a Paraíba ganhou indevidamente a denominação de "Terra dos Tabajaras" e também sobre as diferenças étnicas entre as tribos. Todavia isto não ficou bastante claro, pois o conteúdo foi restrito

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

A forma de como é trabalhado o texto em sala de aula pedindo-se que um aluno leia um parágrafo, que outro comente e depois pergunta se algum outro se opõe ou concorda com o aluno que comentou o parágrafo

a) Que método foi utilizado? Novas tendências historiográficas

b) Como foi trabalhada a problematização? Não houve

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

(X) Sim () Não

Quais? Utilizou um texto, o livro didático, e quase utilizou o quadro para giz

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

() Sim (X) Não

COMENTAR O professor utilizou todo o tempo de aula (45 minutos) para a exposição do assunto, o exercício fica para quando terminar o assunto

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional ()
- aula expositiva dialogada (X)
- aula expositiva a partir do tema gerador ()
- outros (especificar)

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

A relação é boa, o professor motiva bastante a turma, e utiliza formas sutis, para que a maioria dos alunos participem da aula

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: (X) Sim () Não

. Como foram manifestados esses interesses? Pela participação de muitos tiveram na aula, ao comentarem os parágrafos do texto

9. OBSERVAÇÕES QUE ACHAR NECESSÁRIA E QUE NÃO FORAM CONTEMPLADAS PELO DIÁRIO:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE HISTÓRIA - 95.2
 DATA: 10/04/96

FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

1. NOME DO ESTAGIÁRIO		Carlos Alberto Brasil Guerra			
2. NOME DA ESCOLA DO ESTAGIÁRIO		E.E. 1º E 2º Graus Escola Virginius da Gama e Melo			
DISCIPLINA	História do Brasil	SÉRIE	1º Científico	GRAU	2º Turma A
4. NOME DO ORIENTADOR		Fábio			
5. HORÁRIO DA AULA	16:15	Nº DA AULA OBSERVADA	6º		
6. Nº DE ALUNOS QUE PARTICIPAM DA AULA		26			
7. ASSUNTO DE AULA	O Sistema Colonial (exercício)				
8. TÍTULO DA AULA	O Sistema da Época Moderna: O Mercantilismo				

QUESTÕES A SEREM ANOTADAS NO DIÁRIO DA OBSERVAÇÃO

1. Planejamento de aula

a) O estagiário teve acesso ao planejamento da aula do professor-regente?

() Sim (X) Não

DESCREVER ESSA EXPERIÊNCIA O professor da disciplina comprometeu-se à entregar o planejamento da aula, na próxima aula.

2. CONTEÚDO (descrever sobre a exposição do conteúdo, explicitando o domínio, a clareza da exposição, etc.)

Durante a aula foi trabalhado um exercício, que tratou sobre o mercantilismo, qual fase histórica que coincide? Quais os objetivos de sua política? Mercantilista? E como o Sistema Colonial enquadra-se no capitalismo comercial e na sua política?

3. METODOLOGIA: (Que aspectos da metodologia do professor-regente lhe chamou atenção?)

A forma de como ele trabalha o exercício com os alunos pedindo que um aluno leia a resposta do quesito e se os outros concordam ou não com a resposta do colega.

a) Que método foi utilizado? Novas tendências historiográficas.

b) Como foi trabalhada a problematização? Não houve.

4. RECURSOS DIDÁTICOS: (Foi utilizado recursos didáticos?)

(X) Sim () Não

Quais?

5. AVALIAÇÃO: (Foi utilizado sistema de avaliação?)

() Sim (X) Não

COMENTAR Um exercício direcionado sobre o assunto do mercantilismo com perguntas elaboradas que propiciava aos alunos responderem da forma como eles entenderam o assunto.

6. TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM

- aula expositiva tradicional ()
- aula expositiva dialogada (X)
- aula expositiva a partir do tema gerador ()
- outros (especificar) Durante a aula foi trabalhada um exercício

7. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: (DESCREVER)

A relação é boa pois o professor tem o domínio da turma

8. A APRENDIZAGEM:

1. Os alunos demonstraram interesse pela aula: (X) Sim () Não

. Como foram manifestados esses interesses? A maioria dos alunos responderam o exercício e os que faltaram ficaram de responder o exercício em casa

ANEXO VI

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: Prática de Ensino da História na Escola de 1º e 2º Graus
PROFESSORA: Eronildes Câmara Donato

PLANO DE AULA

ALUNO/ESTAGIÁRIO: Carlos Alberto Brasil Guerra
SÉRIE: 8ª TURNO: Tarde TURMA: Única
DISCIPLINA: História Moderna DATA: 24/04/96 HORÁRIO: 15:30 - 16:15
PROFESSOR DA TURMA: José Reneuldo da Silva
ORIENTADOR: Fábio Gutemberg R. B. Souza

1º - UNIDADE DE ENSINO

A Reforma e a Contra-Reforma SUB-UNIDADE: A Reforma Protestante

2º - OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS:

Identificar os vários fatores que propiciaram a Reforma Protestante na Europa, no início do século XVI.

3º - SELEÇÃO DO CONTEÚDO: (Breve Resumo)

Aspectos dos fatores religiosos, políticos e econômicos que conjugaram-se para dar início à Reforma Protestante do século XVI.

4º - LINHA DE AÇÃO: (Formas de Fixação)

A aula será expositiva-dialogada, e a introdução será feita com incentivação

RECURSOS DIDÁTICOS:

Serão utilizados o quadro para giz, um texto, os livros didáticos, mapas

5º - AVALIAÇÃO: (Formas de Fixação)

Desempenho, interesse a participação demonstrados em sala de aula pelos alunos.

6º - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

NADAI, Elza e NEVES, Joana. História Geral Moderna e Contemporânea. 9ª edição, São Paulo - Saraiva, 1993

VICENTINO, Cláudio. História Memória Viva. Idade Moderna e Contemporânea 2ª edição, São Paulo: Scipione, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: Prática de Ensino da História na Escola de 1º e 2º Graus
PROFESSORA: Eronildes Câmara Donato

PLANO DE AULA

ALUNO/ESTAGIÁRIO: Carlos Alberto Brasil Guerra
SÉRIE: 8ª TURNO: Tarde TURMA: Única
DISCIPLINA: História Moderna DATA: 24/04/96 HORÁRIO: 13:00 - 13:45
PROFESSOR DA TURMA: José Reneuldo da Silva
ORIENTADOR: Fábio Gutemberg R. B. Souza

1º - UNIDADE DE ENSINO

A Reforma e a Contra-Reforma SUB-UNIDADE: A Reforma Protestante

2º - OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS:

Identificar os vários líderes Reforma Protestante na Europa, os Países por onde ela se expandiu e as guerras camponesas.

3º - SELEÇÃO DO CONTEÚDO: (Breve Resumo)

- O Reformismo de Lutero
- A expansão do luteranismo, do calvinismo, do anglicanismo e de outras religiões protestantes na Europa XVI.
- As guerras camponesas

4º - LINHA DE AÇÃO: (Procedimentos didáticos, incluindo atividade do aluno)

A aula será expositiva-dialogada, e a introdução será feita com incentivação

RECURSOS DIDÁTICOS:

Serão utilizados o quadro para giz, um texto, os livros didáticos, mapas

5º - AVALIAÇÃO: (Formas de Fixação)

O aluno será avaliado através de seu desempenho, interesse e participação demonstrado em sala de aula.

6º - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

AQUINO, Rubim Leão de, et alli. História das Sociedades: das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais. 2ª edição. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1983.

NADAI, Elza e NEVES, Joana. História Geral Moderna e Contemporânea. 9ª edição, São Paulo - Saraiva, 1993

VICENTINO, Cláudio. História Memória Viva. Idade Moderna e Contemporânea 2ª edição, São Paulo: Scipione, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: Prática de Ensino da História na Escola de 1º e 2º Graus
PROFESSORA: Eronildes Câmara Donato

PLANO DE AULA

ALUNO/ESTAGIÁRIO: Carlos Alberto Brasil Guerra
SÉRIE: 8º TURNO: Tarde TURMA: Única
DISCIPLINA: História Moderna DATA: 24/04/96 HORÁRIO: 13:00 - 13:45
PROFESSOR DA TURMA: José Reneuldo da Silva
ORIENTADOR: Fábio Gutemberg R. B. Souza

1º - UNIDADE DE ENSINO

A Reforma e a Contra-Reforma SUB-UNIDADE: A Reforma Católica

2º - OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS:

Identificar as medidas tomadas pela Igreja Católica contra a expansão, a revisão de suas práticas e ações com vistas a recuperar os espaços e fiéis perdidos para as seitas protestantes.

3º - SELEÇÃO DO CONTEÚDO: (Breve Resumo)

- Tribunal do Santo Ofício da Inquisição
- O Concílio de Trento
- As ordens Religiosas: A Companhia de Jesus

4º - LINHA DE AÇÃO: (Procedimentos didáticos)

A aula será expositiva-dialogada, e a introdução será feita com incentivação

RECURSOS DIDÁTICOS:

Serão utilizados o quadro para giz, um texto, os livros didáticos, mapas

5º - AVALIAÇÃO: (Formas de Fixação)

O aluno será avaliado através do seu desempenho, interesse e participação demonstrados em sala de aula e também da resolução de exercícios.

6º - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

AQUINO, Rubim Leão de, et alli. História das Sociedades: das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais. 2º edição. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1983.

NADAI, Elza e NEVES, Joana. *História Geral Moderna e Contemporânea*. 9ª edição, São Paulo - Saraiva, 1993

VICENTINO, Cláudio. *História Memória Viva. Idade Moderna e Contemporânea* 2ª edição, São Paulo: Scipione, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PRÁTICA DE ENSINO
ALUNO/ESTAGIÁRIO: CARLOS ALBERTO BRASIL GUERRA
LOCAL DO ESTÁGIO: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ESCRITOR
VIRGINIUS DA GAMA E MELO
SÉRIE: 8ª TURNO: TARDE TURMA: ÚNICA
DISCIPLINA: HISTÓRIA MODERNA HORÁRIO: 15:30 AS 16:15 HORAS
PROFESSOR DA DISCIPLINA: JOSÉ RENEULDO DA SILVA
ORIENTADOR DO ESTAGIÁRIO: FÁBIO GUTEMBERG R. B. DE SOUSA

A REFORMA RELIGIOSA

“A Reforma religiosa foi o movimento que, dividindo os cristãos do ocidente no século XVI, originou diversas novas igrejas chamadas protestantes, as quais não mais seguiram o comando e a orientação do papa de Roma.

Quebrando a unidade religiosa cristã, a Reforma Protestante estabeleceu o fim da quase milenar supremacia eclesiástica na Europa. Pode-se mesmo dizer que a Reforma foi, no plano espiritual, aquilo que o Renascimento representou nas transformações culturais que inauguravam o novo mundo do capitalismo comercial”. (Cláudio Vicentino, História Moderna, p. 43)

OS FATORES QUE LEVARAM A REFORMA

Diversos fatores conjugaram-se precipitando o início da Reforma Religiosa no século XVI. Entre eles podemos destacar os fatores religiosos: o ódio que foi se acumulando contra o clero (monges, padres e bispos), por conta dos “abusos” que naquele momento eram praticados no interior da Igreja, pois os monges e padres tinham uma vida desagregada, não ensinavam uma teologia que atendessem aos anseios dos fiéis; as hostilidades contra Roma, sede do papado.

A Igreja de Roma continuava seguindo a Teologia de São Tomás de Aquino (tomismo), segundo a qual, cada indivíduo escolhe a sua salvação ou o caminho para a perdição. Já os reformadores, basearam suas propostas na Teologia de Santo Agostinho (agostiniana), segundo a qual só a fé salva. Com isto, passou-se a ter a existência de dois sistemas teológicos.

Um outro fator que contribuiu para a insatisfação dos fiéis europeus, foi o poderio da Igreja, pois no fim do século XVI ela mantinha a posição de maior proprietária de terras em

toda a Europa, e também o desagregamento moral se abatia sobre a Igreja, principalmente com a venda de cargos eclesiásticos(nobres compravam o direito de ser bispos e arcebispos), e de indulgências, que era a venda pela Igreja do perdão dos pecados cometidos, com a promessa da redução das penas do purgatório.

Fatores políticos também contribuíram para a deflagração do movimento, especialmente no caso da Inglaterra, em que o Rei Henrique VII queria divorciar-se de sua esposa Catarina de Aragão para desposar Ana Bolena, o que foi negado pelo papa. Em decorrência deste fato, o monarca inglês proclamou o ato de Supremacia, votado pelo Parlamento, que colocava a Igreja da Inglaterra sob a sua autoridade(1534)

No seio do processo de reforma, aspectos econômicos também contribuíram para o acirramento dos conflitos. No caso da Inglaterra, Henrique VIII, e os príncipes do Império Alemão estavam interessados na Reforma, pois esta viria a lhes propiciar maior poder, já que iriam apossar-se das terras da Igreja.

“A Reforma do século XVI teve duplo caráter de revolução social e revolução religiosa. As classes populares não se rebelaram somente contra a corrupção dos dogmas e dos abusos do clero. Também o fizeram contra a miséria e as injustiças. Na Bíblia não buscaram unicamente a doutrina da salvação pela fé mas também a prova da igualdade original de todos os homens”.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PRÁTICA DE ENSINO
ALUNO/ESTAGIÁRIO: CARLOS ALBERTO BRASIL GUERRA
LOCAL DO ESTÁGIO: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ESCRITOR
VIRGINIUS DA GAMA E MELO
SÉRIE: 8ª TURNO: TARDE TURMA: ÚNICA
DISCIPLINA: HISTÓRIA MODERNA HORÁRIO: 15:30 AS 16:15 HORAS
PROFESSOR DA DISCIPLINA: JOSÉ RENEULDO DA SILVA
ORIENTADOR DO ESTAGIÁRIO: FÁBIO GUTEMBERG R. B. DE SOUSA

O REFORMISMO DE LUTERANO, A EXPANSÃO DA REFORMA E AS GUERRAS CAMPONESAS

Em 1517 na Alemanha, o monge Martinho Lutero, revoltado com a desmoralização da Igreja de Roma, fixou na porta da Igreja de Wittenberg as 95 teses, onde criticava ferozmente o papa. A partir deste momento, tem início a Reforma Protestante. Lutero contava com o apoio dos nobres que ambicionavam apoderar-se das terras da Igreja, e dos camponeses que desejavam escapar da situação de miséria em que viviam.

As idéias protestantes expandem-se por toda a Europa. Inspirados no luteranismo alemão, vários países aderem ao movimento luterano, instaurando também a reforma. Todavia, não se pode considerar a expansão da reforma apenas como uma expansão do luteranismo, pois a expansão da reforma se deveu à atuação de outros reformadores em cada região ou país.

Na Suíça, o movimento teve uma particularidade, diferentemente da Inglaterra, não foi o governante que impôs a religião aos súditos, mas sim os conselhos das cidades que impuseram aos governantes a adoção da Reforma. Seu principal reformador foi Ulrico Zwinglio.

Na França, temos a influência de Calvino. sua idéia central era a predestinação, a qual determinava que a eleição a reprobção dos homens para a salvação eram atos de Deus, livres de qualquer interferência humana. Suas pregações obtiveram rápido sucesso em Genebra, Suíça, onde conquistou a posição de chefe político e religioso. O calvinismo expandiu-se por toda a Europa. Na Boêmia(atuais repúblicas Tcheca e Eslováquia) e na Polônia superou o luteranismo e se chocou com o catolicismo e com o anabatismo(camponeses alemães que se afastaram da doutrina luterana, deram origem aos anabatistas). Os seguidores de calvino na Escócia tiveram como principal pregador John

Knox e adotaram o nome de presbiterianos; na Inglaterra os calvinistas foram chamados de puritanos e na França de Huguenotes.

Além do aspecto religioso que fundamentou o calvinismo na defesa da predestinação, alguns historiadores destacam o caráter econômica de suas práticas, pois a doutrina calvinista exaltava o lucro e o trabalho. Calvino foi considerado o pregador espiritual do ideal burguês.

O líder da Reforma Protestante na Inglaterra foi o próprio Rei, Henrique VIII. Embora houvesse motivos religiosos para descontentamento popular nessa país, o movimento reformista teve caráter acentuadamente política. O pretexto usado para isto foi o fato de Henrique VIII querer casar-se novamente, e a Igreja de Roma não aceitar a dissolução do sacramento do matrimônio.

As idéias de Lutero agitaram a Alemanha, provocando revoltas dos nobres empobrecidos e dos camponeses. Liderados por um seguidor de Lutero, chamado Tomás Munzer, os camponeses passaram a exigir reformas sociais e religiosas, provocando violenta reação e repressão por parte da nobreza, que contou com o apoio de Lutero.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PRÁTICA DE ENSINO
ALUNO/ESTAGIÁRIO: CARLOS ALBERTO BRASIL GUERRA
LOCAL DO ESTÁGIO: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ESCRITOR
VIRGINIUS DA GAMA E MELO
SÉRIE: 8ª TURNO: TARDE TURMA: ÚNICA
DISCIPLINA: HISTÓRIA MODERNA HORÁRIO: 15:30 AS 16:15 HORAS
PROFESSOR DA DISCIPLINA: JOSÉ RENEULDO DA SILVA

A CONTRA REFORMA

A Contra-reforma, foi uma ação da Igreja Romana para combater o avanço do protestantismo, que estava se expandindo por toda a Europa. Todavia, o Papado percebeu que era preciso fazer mudanças no interior da sua própria Igreja para evitar novas decisões. No campo externo, a Igreja católica restabelecia a inquisição, o tribunal do Santo Ofício, que tinha poderes para vigiar e punir todos que não aceitassem os dogmas cristãos, isto é, quem não seguisse os mandamentos católicos era considerado um herege, um contestador dos princípios divinos, que seria torturado e se fosse condenado morreria queimado numa fogueira, em um ato-de-fê.

A partir de 1564, o tribunal começou a censurar livros, e passou a emitir uma lista dos livros proibidos (chamado Index), na qual constavam bíblia luterana, calvinista e anglicana. Esta proibição não atingia apenas obras religiosas, mas também obras culturais e científicas que contestassem os princípios e dogmas católicos, como as obras de Galileu Galilei, Giordano Bruno e Isaac Newton.

Em 1546, a Igreja cria o Concílio de Trento, para enfrentar seus problemas internos. Este concílio tinha dois objetivos: definir os dogmas em que os fiéis deveriam acreditar (as escrituras, os sacramentos, o livre-arbitrio, o culto dos Santos e da virgem, mãe de Jesus e a infabilidade do Papa); restaurar a disciplina religiosa, mantendo o celibato clerical, o latim como língua de culto, proibir a venda de indulgências, criar seminários para formação dos padres e proibir a venda de cargos eclesiásticos.

Uma outra arma eficaz da reação católica foi a criação da Companhia de Jesus, idealizada pelo espanhol Inácio de Loyola. Os jesuítas foram responsáveis pela renovação e fortalecimento do clero eles seguiam uma disciplina limitada e eram bem formados, sua missão principal era combater infiéis e protestantes. Também tinham o objetivo de catequizar e de expandir a hegemonia católica da educação das colônias, especialmente do Brasil.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: Prática de Ensino da História na Escola de 1º e 2º Graus
PROFESSORA: Eronildes Câmara Donato

PLANO DE AULA

ALUNO/ESTAGIÁRIO: Carlos Alberto Brasil Guerra
SÉRIE: 8º TURNO: Tarde TURMA: Única
DISCIPLINA: História Moderna DATA: 29/04/96 HORÁRIO: 15:30 - 16:15
PROFESSOR DA TURMA: José Reneuldo da Silva
ORIENTADOR: Fábio Gutemberg R. B. Souza

1º - UNIDADE DE ENSINO

A Reforma e a Contra-Reforma

2º - OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS:

Revisar os aspectos que proporcionaram a reforma protestante na Europa e destacar a contra ofensiva da Igreja Católica.

3º - SELEÇÃO DO CONTEÚDO:

- A Reforma Protestante, a Expansão da Reforma e a Contra Reforma

4º - LINHA DE AÇÃO:

A aula será expositiva-dialogada.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Serão utilizados o quadro para giz, um texto, os livros didáticos, mapas

5º - AVALIAÇÃO: (Formas de Fixação)

Será elaborado um exercício de fixação sobre o assunto estudado

6º - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DISCIPLINA: Prática do Ensino de História nas Escolas de 1º e 2º graus

PROFESSORA: Eronides Câmara Donato

PLANO DE AULA

ALUNO/ESTAGIÁRIO: Carlos A. Brasil Guerra

ESCOLA: Escola Estadual de 1º e 2º Graus Escritor Virginius da Gama e Melo

SÉRIE: 6º TURNO: Manhã TURMA: A Horário: 7:00-7:45

DISCIPLINA: História do Brasil PROFESSORA: Doraci Alves Pequeno

ORIENTADOR: Fábio Gutemberg R. B. de Souza

1º UNIDADE DE ENSINO:

A Política do Segundo Reinado que se iniciou em 1840 com o golpe da maioria, e terminou em 1889 com a Proclamação da República

SUB-UNIDADE

A Política Interna

2º - OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS:

Compreender o processo de calmaria pelo qual passou o Segundo Reinado, na centralização política de D. Pedro II, os partidos liberais e conservadores e algumas das perturbações da ordem como, a Revolta Liberal e a Revolução Praieira.

3º - SELEÇÃO DE CONTEÚDO

- Partidos Liberais e Conservador; - Parlamentarismo
- Revolução Praieira (Pernambuco, 1848 - 1850); - Revolta Liberal, 1842.

4º - LINHA DE AÇÃO (PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS, INCLUINDO ATIVIDADE DO ALUNO)

A aula será expositiva-dialogada.

RECURSOS DIDÁTICOS

Será utilizado o quadro para giz, um texto, alguns mapas e alguns livros didáticos.

5º - AVALIAÇÃO (FORMAS DE FIXAÇÃO)

Os alunos eram avaliados, pelo seu desempenho e interesse, demonstrados em sala de aula, e pela participação na resolução dos exercícios.

6º - BIBLIOGRAFIA:

ALENCAR, Francisco; et alli. História das Sociedades Brasileiras. 2º grau. 2ª edição, R.J. : Ao Livro Técnico, 1985.

COSTA, Luís César. História do Brasil 2º grau, 3ª edição. S.P., editora Scipione, 1993.

VICENTINO, Cláudio. História Memória Viva-Brasil Período Imperial e Republicano, 2º grau, 2ª edição, S.P., editora Scipione, 1994.

SILVA, Francisco Alves da, História do Brasil S.P., Centro de Recursos Educacionais, 1987 (Coleção Objetivo, Livro 33).

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: Prática do Ensino de História nas Escolas de 1º e 2º graus
PROFESSORA: Eronides Câmara Donato

PLANO DE AULA

ALUNO/ESTAGIÁRIO: Carlos Alberto Brasil Guerra
ESCOLA: Escola Estadual de 1º e 2º Graus Escritor Virginius da Gama e Melo
SÉRIE: 6ª TURNO: Manhã TURMA: A Horário: 7:00-7:45
DISCIPLINA: História do Brasil PROFESSORA: Doraci Alves Pequeno
ORIENTADOR: Fábio Gutemberg R. B. de Souza

1º UNIDADE DE ENSINO:

A Política do Segundo Reinado, que teve início em 1840 com o golpe da Maioridade, e terminou em 1889 com a Proclamação da República.

SUB-UNIDADE

A Política Externa do Segundo Reinado.

2º - OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS:

Identificar os problemas diplomáticos, que ocorreu no Império durante o Segundo Reinado, com a Inglaterra (1850) e também os conflitos armados que ocorreram na Região Platina (1851).

3º - SELEÇÃO DE CONTEÚDO

- A imposição da Inglaterra, para extinguir o tráfico negreiro no Brasil
- A questão do embaixador britânico no Brasil William Christie
- A exclusividade inglesa - A Região Platina; - Tríplice Aliança

4º - LINHA DE AÇÃO (PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS, INCLUINDO ATIVIDADE DO ALUNO)

A aula será expositiva-dialogada.

RECURSOS DIDÁTICOS

Será utilizado o quadro para giz, de um texto, de mapas e dos livros didáticos.

5º - AVALIAÇÃO (FORMAS DE FIXAÇÃO)

Os alunos eram avaliados pelo seu desempenho, e interesse demonstrados em sala de aula, e pela participação na resolução dos exercícios.

6º - BIBLIOGRAFIA:

ALENCAR, Francisco; et alli. História das Sociedades Brasileiras. 2º grau. 2ª edição, R.J. : Ao Livro Técnico, 1985.

COSTA, Luís César. História do Brasil 2º grau, 3ª edição. S.P., editora Scipione, 1993.

VICENTINO, Cláudio. História Memória Viva-Brasil Período Imperial e-
Republicano, 2º grau, 2ª edição, S.P., editora Scipione, 1994.

SILVA, Francisco Alves da, História do Brasil S.P., Centro de Recursos Educa-
cionais, 1987 (Coleção Objetivo, Livro 33).

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: Prática do Ensino de História de 1º e 2º graus
PROFESSORA: Eronides Câmara Donato

PLANO DE AULA

ALUNO/ESTAGIÁRIO: Carlos Alberto Brasil Guerra
ESCOLA: Escola Estadual de 1º e 2º Graus Escritor Virginius da Gama e Melo
SÉRIE: 6ª TURNO: Manhã TURMA: A Horário: 7:45-8:30
DISCIPLINA: História do Brasil PROFESSORA: Doraci Alves Pequeno
ORIENTADOR: Fábio Gutemberg R. B. de Souza

1º UNIDADE DE ENSINO:

O declínio do Segundo Reinado.

SUB-UNIDADE

Questões que agitaram o final do Império.

2º - OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS:

Compreender os fatores sociais, políticos, econômicos e religiosos que juntos proporcionaram a queda do Império.

3º - SELEÇÃO DE CONTEÚDO

- A Campanha Abolicionista; - A Campanha Republicana;
- A Questão Religiosa; - As questões militares;

4º - LINHA DE AÇÃO (PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS, INCLUINDO ATIVIDADE DO ALUNO)

A aula será expositiva-dialogada.

RECURSOS DIDÁTICOS

Será utilizado o quadro para giz, de um texto, de mapas e dos livros didáticos.

5º - AVALIAÇÃO (FORMAS DE FIXAÇÃO)

Os alunos eram avaliados pelo seu desempenho e interesse demonstrados em sala de aula, e pela participação na resolução dos exercícios.

6º - BIBLIOGRAFIA:

ALENCAR, Francisco; et alli. História das Sociedades Brasileiras. 2º grau. 2ª edição, R.J. : Ao Livro Técnico, 1985.

COSTA, Luís César. História do Brasil 2º grau, 3ª edição. S.P., editora Scipione, 1993.

**VICENTINO, Cláudio. História Memória Viva-Brasil Período Imperial e-
Republicano, 2º grau, 2ª edição, S.P., editora Scipione, 1994.**

**SILVA, Francisco Alves da, História do Brasil S.P., Centro de Recursos Educa-
cionais, 1987 (Coleção Objetivo, Livro 33).**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PRÁTICA DE ENSINO
ALUNO/ESTAGIÁRIO: CARLOS ALBERTO BRASIL GUERRA
LOCAL DO ESTÁGIO: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ESCRITOR VIRGINIUS
DA GAMA E MELO
SÉRIE: 6ª TURNO: MANHÃ TURMA: A HORÁRIO: 7:00-7:45 HORAS
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL
PROFESSORA: DORACI ALVES PEQUENO
ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG R. B. DE SOUZA

A POLÍTICA DO SEGUNDO REINADO

O Segundo Reinado foi o período que se iniciou em 1840, com o golpe da maioria, e terminou em 1889 com a Proclamação da República.

Nos primeiros anos do seu reinado, D. Pedro II dedicou-se à estabilização e pacificação do país. A partir de 1850, o Brasil viveu um período de estabilidade política e grande desenvolvimento econômico com auge na produção cafeeira e no surgimento das primeiras indústrias.

Nesse momento, o Brasil também envolveu-se em vários conflitos na região do Prata, destacando-se a Guerra do Paraguai (1864- 1870). Ao final da guerra, porém, a decadência do Império era iminente, culminando na Proclamação da República em 1889. (VICENTINO, Cláudio. História Memória viva, p. 46)

A POLÍTICA INTERNA

Durante o Segundo Reinado, o Brasil conheceu uma relativa estabilidade política interna. Os grupos que disputavam o poder político, liberais e conservadores, eram compostos por membros da aristocracia rural brasileira e não apresentavam divergências profundas, pois estavam interessados em manter a ordem agrário-exportadora e escravista. Todavia, ocorreram algumas perturbações da ordem como a Revolta liberal de 1842, desencadeada pelos liberais paulistas e mineiros, e a Revolução Praieira (Pernambuco, 1848 - 1850), que exigia mudanças sociais e políticas como as que à antecederam, caso da revolta dos Balaios no Maranhão e da Revolução Farrroupilha no Rio Grande do Sul.

A revolta Liberal foi sufocada e o centralismo de D. Pedro II dominou o período. A expressão mais forte da centralização política foi a adoção do regime parlamentarista, que foi chamado de “parlamentarismo às avessas”.

A POLÍTICA EXTERNA

Enquanto o clima interno era de relativa tranquilidade, externamente o Brasil vivia um período conturbado. Depois de contornar os conflitos internos, que teve à frente o Duque de Caxias, o Brasil prepara-se para a política externa, só que a partir de 1850, envolveu-se em sérias questões internacionais, das quais resultaram rompimento de relações diplomáticas com a Inglaterra e as guerras da região do Rio da Prata.

As relações com a Inglaterra começam a se alterar em decorrência de vários fatores: a questão do tráfico de escravos que a Inglaterra pressionava para o Brasil extinguir; o fato dos britânicos perderem a quase exclusividade sobre o mercado brasileiro, pois os Estados Unidos, França e Alemanha começam a importar café e exportar gêneros industrializados para o Brasil; é o caso do navio inglês Príncipe de Gales. O reatamento das relações Brasil-Inglaterra só ocorreu em 1865.

Por volta de 1850, a Região Platina tornou-se o centro das atenções da diplomacia brasileira, pois neste período o Brasil envolveu-se em três conflitos armados nesta área, cujos motivos residiam em disputas territoriais e na necessidade brasileira de navegar os rios platinos, o que possibilitaria o acesso fluvial a várias províncias, especialmente a de Mato Grosso.

O Brasil interveio por duas vezes em problemas internos do Uruguai (nas deposições de Oribe e Auirre) e uma vez na Argentina, quando da deposição do presidente Rosas.

E junto com a Argentina e o Uruguai, declarou guerra ao Paraguai.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PRÁTICA DE ENSINO
ALUNO/ESTAGIÁRIO: CARLOS ALBERTO BRASIL GUERRA
LOCAL DO ESTÁGIO: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ESCRITOR VIRGINIUS
DA GAMA E MELO
SÉRIE: 6ª TURNO: MANHÃ TURMA: A HORÁRIO: 7:45-8:30
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL
ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG R. B. DE SOUZA

O FIM DO IMPÉRIO

Vários fatores conjugaram-se para proporcionar a queda do Império. O regime monárquico estava tornando-se inadequado, para adaptar-se as transformações processadas na economia e na sociedade a partir da segunda metade do século XIX.

A questão social surge com a Campanha Abolicionista, pois vários setores da sociedade começam a defender esta causa. A Inglaterra também pressiona para que o Brasil acabe com o tráfico escravo. Isto acontece em 1850, com a Lei Eusébio de Queiroz. Depois da extinção tornou-se imperativo a abolição, pois o número de escravos começa a diminuir e o trabalho livre torna-se mais vantajoso em virtude de sua maior produtividade, e dos menores riscos de investimentos. A partir de 1888 a Lei Áurea é decretada pela Princesa Isabel pondo fim a escravidão no Brasil.

A Campanha Republicana também vem prejudicar o governo centralizador de D. Pedro II, pois estes lançam o Manifesto Republicano em 1870, onde abertamente criticam a política do Imperador. Em 1873 é criado o Partido Republicano Paulista, que é formado na sua maioria por grandes proprietários de café do oeste paulista que defendem a abolição da escravatura. Também são criados Partidos Republicanos no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, que tem nos seus partidários profissionais liberais, comerciantes e proprietários.

Quando ocorre a abolição os proprietários de escravos das lavouras do nordeste, principalmente da cana-de-açúcar, e os proprietários das fazendas de café do Vale do Rio Paraíba, também ficam contra o governo, pois a mão de obra utilizada nas produções era escrava. E eles não são indenizados pelo Imperador.

A Questão Religiosa fez com que o regime perdesse o apoio da Igreja. O Imperador através da Lei do Padroado tinha o poder de nomear bispos e padres, e construir igrejas. O papa não tinha direito de opor-se as determinações do Imperador brasileiro. Através da bula Syllabus o Papa Pio IX, proibiu os clérigos de participarem da maçonaria, esta promove uma festa no Rio de Janeiro onde comparecem muitos padres. Dois bispos, um de Recife Dom Vidal Maria e o outro de Belém Dom Adauto Macedo, proibem os padres que participaram desta festa de realizar missas. D. Pedro II não aceita esta interferência destes

dois bispos e condena eles a quatro anos de prisão com trabalhos forçados. Pois a lei do Beneplacito dava ao Imperador o direito de proibir a aplicação de alguma ordem papal no país. Em virtude deste conflito os religiosos passam a defender as idéias republicanas.

A Guerra do Paraguai proporcionou, unidade e força ao exército brasileiro, e eles começam a querer fazer parte da vida pública do Império, o que desagradava o Imperador.

O tenente coronel Sena Madureira via a imprensa para protestar contra o projeto de reforma do Montepedio. Este era uma pensão que o governo se comprometeu a pagar aos mutilados da guerra do Paraguai e aos seus familiares. Só que a guerra terminou em 1870 e até 1883 ele ainda não tinha pago. Em decorrência deste incidente ficou proibido dos militares em falar na imprensa. Depois este mesmo tenente é demitido do comando da escola de tiro de Campo Grande (RJ) pela recepção que deu ao jangadeiro cearense Francisco Nascimento, que rejeitou-se a transportar escravos de Fortaleza para o Sul. Cunha Matos também descobre um extravio de fardamentos numa escola militar do Piauí e impõe a remoção do comandante do quartel. Em decorrência destes fatos ele é preso. Mas recebe a solidariedade de inúmeros oficiais de alta patente, inclusive do Marechal Deodoro da Fonseca.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: Prática do Ensino de História de 1º e 2º graus
PROFESSORA: Eronides Câmara Donato

PLANO DE AULA

ALUNO/ESTAGIÁRIO: Carlos Alberto Brasil Guerra
ESCOLA: Escola Estadual de 1º e 2º Graus Escritor Virginius da Gama e Melo
SÉRIE: 1º C TURNO: Tarde TURMA: A Horário: 13:45 - 14:30
DISCIPLINA: História da Paraíba PROFESSOR: José Reneuldo da Silva
ORIENTADOR: Fábio Gutemberg R. B. de Souza

1º UNIDADE DE ENSINO:

Bases da Sociedade Paraibana: Escravidão, Propriedade e Religião.

SUB-UNIDADE

A escravidão.

2º OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS:

Identificar a mão-de-obra utilizada na capitania da Paraíba, nas lavouras da cana-de-açúcar, e na pecuária.

3º - SELEÇÃO DE CONTEÚDO

- A mão-de-obra indígena e a escrava, e a resistência do Índio ao trabalho escravo.

4º - LINHA DE AÇÃO (PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS, INCLUINDO ATIVIDADE DO ALUNO)

A aula será expositiva-dialogada.

RECURSOS DIDÁTICOS

Será utilizado o quadro para giz, um texto, alguns mapas e alguns livros didáticos.

5º - AVALIAÇÃO

Os alunos eram avaliados, pelo seu desempenho e interesse, demonstrados em sala de aula.

6º - BIBLIOGRAFIA:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: Prática do Ensino de História de 1º e 2º graus
PROFESSORA: Eronides Câmara Donato

PLANO DE AULA

ALUNO/ESTAGIÁRIO: Carlos Alberto Brasil Guerra
ESCOLA: Escola Estadual de 1º e 2º Graus Escritor Virginius da Gama e Melo
SÉRIE: 1º C TURNO: Tarde TURMA: A Horário: 15:30 - 16:15
DISCIPLINA: História da Paraíba PROFESSOR: José Reneuldo da Silva
ORIENTADOR: Fábio Gutemberg R. B. de Souza

1º UNIDADE DE ENSINO:

Bases da Sociedade Paraibana: Escravidão, Propriedade e Religião.

SUB-UNIDADE

A propriedade da capitania da Paraíba.

2º OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS:

Compreender como estava estruturada a propriedade no território da Paraíba, e como ocorreu o povoamento destas terras.

3º - SELEÇÃO DE CONTEÚDO

- Grandes proprietários.
- Bandeirantes e desbravadores
- Povoamento do litoral e do sertão
- Sesmarias

4º - LINHA DE AÇÃO

A aula será expositiva-dialogada.

RECURSOS DIDÁTICOS

Será utilizado o quadro para giz, um texto, alguns mapas e alguns livros didáticos.

5º - AVALIAÇÃO

Os alunos eram avaliados, pelo seu desempenho e interesse, demonstrados em sala de aula.

6º - BIBLIOGRAFIA:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: Prática do Ensino de História de 1º e 2º graus
PROFESSORA: Eronides Câmara Donato

PLANO DE AULA

ALUNO/ESTAGIÁRIO: Carlos Alberto Brasil Guerra
ESCOLA: Escola Estadual de 1º e 2º Graus Escritor Virginius da Gama e Melo
SÉRIE: 1º C TURNO: Tarde TURMA: A Horário: 14:30 - 15:15
DISCIPLINA: História da Paraíba PROFESSOR: José Reneuldo da Silva
ORIENTADOR: Fábio Gutemberg R. B. de Souza

1º UNIDADE DE ENSINO:

Bases da Sociedade Paraibana: Escravidão, Propriedade e Religião.

SUB-UNIDADE

A religião.

2º OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS:

Identificar o papel da religião católica na catequização dos índios. E a atuação das ordens religiosas.

3º - SELEÇÃO DE CONTEÚDO

- A caracterização dos índios, as ordens Religiosas/Jesuítas, Beneditinos e Carmelitas e a Inquisição.

4º - LINHA DE AÇÃO

A aula será expositiva dialogada.

RECURSOS DIDÁTICOS

Será utilizado o quadro para giz, um texto, e alguns mapas.

5º - AVALIAÇÃO

Os alunos eram avaliados, pelo seu desempenho e interesse, demonstrados em sala de aula.

6º - BIBLIOGRAFIA:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PRÁTICA DE ENSINO
ALUNO/ESTAGIÁRIO: CARLOS ALBERTO BRASIL GUERRA
LOCAL DO ESTÁGIO: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ESCRITOR VIRGINIUS
DA GAMA E MELO
SÉRIE: 6ª TURNO: MANHÃ TURMA: A HORÁRIO: 7:45-8:30
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL
ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG R. B. DE SOUZA

BASES DA SOCIEDADE PARAIBANA: ESCRAVIDÃO, PROPRIEDADE E RELIGIÃO

A ESCRAVIDÃO NO PERÍODO COLONIAL

Em meados do século XVII, a Capitania Real da Paraíba estava estruturando suas atividades produtivas tendo como fundamento o trabalho escravo. Como no restante da nova colônia portuguesa, aqui não havia pessoas suficientes para povoar as terras recém descobertas. Nos primeiros anos da colonização os portugueses tentaram utilizar os nativos (índios) nas atividades agrícolas, mas as tentativas não obtiveram êxito, principalmente por conta da resistência indígena ao trabalho na agricultura e à vida sedentária, ou seja, como os indígenas brasileiros eram em sua maioria nômades (mudavam-se constantemente), terminaram por resistir ao trabalho fixo na terra. Vendo que a escravização indígena não contribuiria para o empreendimento colonial e sob pressão de religiosos que a condenavam, a Coroa Portuguesa proibiu esta em todas as capitanias do Brasil, passando a adotar o trabalho negro escravo como forma de solucionar o problema da falta de trabalhadores para a lavoura e, ao mesmo tempo, criando uma nova fonte de rendas para a Coroa, o tráfico de negros da África para o Brasil.

Os negros eram aprisionados na África e trazidos em precárias condições nos famosos navios negreiros para o Brasil.

Por volta de 1726, chegam à capitania da Paraíba para trabalhar inicialmente na lavoura canavieira. Com o decorrer da colonização e a sua expansão pelos sertões (interior) aumenta a utilização do trabalho escravo, agora também presente nas fazendas pecuaristas dos sertões.

Na capitania da Paraíba a situação do escravo não era diferente do resto do Brasil. Os negros enfrentavam os mesmos problemas: alimentação escassa, pouca; trabalho exaustivo, pesado, com longas jornadas; sofriam constantes castigos por parte dos seus senhores; etc

No final do século XVII, a Coroa Portuguesa preocupada com a diminuição do braço negro na capitania da Paraíba, envia uma Carta Régia (1698) para o capitão-

mor Manuel Soares de Alberguaria para que averiguasse as denúncias de que os proprietários de escravos estavam castigando-os em excesso, e caso confirmadas tais denúncias, devia-se coibir (impedir) os excessos dos senhores de escravos.

Em decorrência dos constantes castigos e maus tratos, muitos negros fugiam dos canaviais paraibanos e, associando-se a índios, formaram o quilombo do Cumbe (atua município de Santa Rita). Os quilombos, fugas, assinaturas de famílias de senhores e de deitores, por um lado, e de suicídios e abortos, por outro, foram práticas constantes utilizadas por escravos durante o período colonial e imperial no Brasil.

A PROPRIEDADE DA TERRA NO PERÍODO COLONIAL

Na capitania da Paraíba, como de resto em todo o Brasil colonial, as propriedades foram estruturadas a partir da doação de grandes extensões de terras, chamadas sesmarias. No início, são distribuídas poucas sesmarias na Paraíba, durante os primeiros anos do século XVI são distribuídas apenas cinco sesmarias. Com o tempo e a expansão da colonização elas vão sendo ampliadas. Comumente se transformavam sesmeiros (proprietários de sesmarias) homens e famílias de posse e que tivessem uma certa proteção da Coroa; desbravadores e bandeirantes que conquistavam as terras aos índios, através de guerras que muitas vezes exterminavam aldeias inteiras.

Após a conquista da terra os colonizadores passavam a utilizá-las para a produção agrícola e para a criação de gado (pecuária). No litoral paraibano, especialmente na Várzea do Paraíba, as terras eram propícias para a cana-de-açúcar. Aí foram constituídos extensos latifúndios monocultores utilizando-se a mão-de-obra escrava. No sertão, a grande propriedade (fazenda), estava voltada para a criação de gado, plantação de algodão e culturas de subsistências.

Em 1667, a coroa portuguesa com receio da constituição de grandes propriedades por parte de algumas famílias de conquistadores e de ter sua autoridade posta em cheque, limita através de Carta Régia, o tamanho das sesmarias em três léguas de comprimento por uma de largura, o que mesmo assim constituía uma propriedade de cerca de onze mil hectares.

Era comum na época, proprietários de sesmarias arrendarem parte de suas terras e viverem dessas rendas.

Pouco a pouco e sempre tendo que enfrentar a resistência dos indígenas, as terras da Paraíba vão sendo desbravadas e ocupadas. O sertão começa ser desbravado no final do século XVII, tendo contribuiu para tanto a Casa da Torre, tendo a frente Francisco Dávilla, que vem desbravando o interior da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, chegando até ao Piauí, e a Família Oliveira Ledo, tendo a Frente Teodósio de Oliveira Ledo, que partira do litoral em direção ao interior. Os sertões começam a ser povoados pelas primeiras famílias e passam a ser constituídas fazendas e currais, aldeias e arraiais, que darão origem a muitas das atuais cidades do interior da Paraíba.

O PAPEL DA IGREJA NA COLONIZAÇÃO

A colonização paraibana e ademais toda a colonização portuguesa no Brasil teve na Igreja Católica e em diversas ordens religiosas, um de seus principais e mais sólidos pilares. Conquistadores e religiosos sempre estiveram juntos desde os primórdios da colonização, Igreja e Estado caminharam juntos na grande empresa que era a colonização. Isto naturalmente não significa dizer que não houvesse conflitos entre os interesses de religiosos, preocupados principalmente com a catequese dos índios, e dos colonizadores, mais interessados em ampliar suas riquezas ou obtê-las na nova terra. Catequizar, educar e produzir, transformando os índios e cristãos em súditos da Coroa portuguesa, estes eram objetivos das ordens religiosas que aqui estiveram.

A ordem dos carmelitas fundou às margens do rio Paraíba a aldeia de Nossa Senhora da Guia, organizou uma aldeia em Miriri e estendeu-se para o norte. Os monges beneditinos seguiram também para o norte e ocuparam Mamanguape. Papel destacado na colonização e catequese tiveram os membros da Companhia de Jesus, os jesuítas, que divulgaram a fé cristã, através da catequese dos índios e criaram colégios para educá-los junto com os colonizadores, a partir de 1748. A ação dos jesuítas, no entanto, levou-os a entrarem em conflito com o Ministro de Portugal na época, o Marquês de Pombal, que decretou sua expulsão da Paraíba em 1759.

As práticas religiosas de indígenas e colonizadores durante o período colonial foram acompanhadas pelo Tribunal do Santo Ofício, a inquisição. No Brasil, nunca foi criado um tribunal da inquisição, mas durante o período colonial foram feitas várias visitas ao nosso território. Em 1951, cerca de dez anos após a conquista, chegou a Capitania da Paraíba, o visitador e membro da inquisição Heitor Furtado de Mendonça. O trecho abaixo, de Wellington Aguiar, deixa claro o papel dos visitadores da inquisição no Brasil:

“O Santo Ofício nunca estabeleceu oficialmente um tribunal no Brasil, apesar do grande número de hereges e judeus que se encontravam na colônia. Contudo, agiu continuamente em terras brasileiras, através de seus visitadores, comissários bispos e vigários locais. Os bispos tinham poderes para efetuar prisões, confiscar bens dos suspeitos e enviar os prisioneiros ou seus processos para a Inquisição de Lisboa, que tratava de todos os casos relativos ao Brasil”. Wellington Aguiar, *A Paraíba nas malhas da Santa Inquisição*, (p. 75)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: Prática do Ensino de História de 1º e 2º graus
PROFESSORA: Eronides Câmara Donato

PLANO DE AULA

ALUNO/ESTAGIÁRIO: Carlos Alberto Brasil Guerra
ESCOLA: Escola Estadual de 1º e 2º Graus Escritor Virginius da Gama e Melo
SÉRIE: 1º C TURNO: Tarde TURMA: A Horário: 15:30 - 16:15
DISCIPLINA: História da Paraíba PROFESSOR: José Reneuldo da Silva
ORIENTADOR: Fábio Gutemberg R. B. de Souza

1º UNIDADE DE ENSINO:

Bases da Sociedade Paraibana: Escravidão, Propriedade e Religião.

2º OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS:

Fazer uma revisão sobre a divisão das terras da capitania da Paraíba, da mão-de-obra utilizada e da religião

3º - SELEÇÃO DE CONTEÚDO

- A Sesmaria; a mão-de-obra escrava e a indígena, e os aspectos religiosos.

4º - LINHA DE AÇÃO

A aula será expositiva dialogada.

RECURSOS DIDÁTICOS

Será utilizado o quadro para giz, um texto, e alguns mapas.

5º - AVALIAÇÃO

Será utilizado um exercício de fixação com perguntas direcionadas.

6º - BIBLIOGRAFIA:

OCTÁVIO, José. História da Paraíba: Lutas e Resistência. Editora União, Paraíba
1994

ANEXO VII

LOCALIZAÇÃO

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ESCRITOR VIRGINIUS DA GAMA E MELO

Está localizada à Rua Penedo, no bairro Álvaro Gaudêncio na cidade de Campina Grande, que é uma das principais cidades do Estado da Paraíba, cujo CEP é, 58.100. Para comunicar-se com a Escola pode ligar para o número (083) 833-1437 através da discagem DDD. A Escola está localizada próximo a Universidade Federal da Paraíba, o percurso pode ser feito através de ônibus do sistema de coletivos de Campina Grande, deslocando-se da UFPB para o Virginius pega-se o coletivo da Empresa Transnacional de número 202 que tem parada em frente ao portão de entrada UFPB, a duração do percurso é no mínimo de 20 minutos. Para retornar a UFPB pega-se o coletivo da Transnacional de número 222 que tem ponto de parada em frente da escola do virginius.

Do centro de Campina Grande para a Escola pesquisada, existem várias linhas de coletivos que fazem o percurso, o ponto de parada dos coletivos é em frente as Lojas Brasileiras de Campina Grande. Todas as linhas são feitas pela Empresa Transnacional, a duração do percurso é de no máximo 40 minutos, eis a relação dos números dos coletivos que fazem o percurso no sentido de ida e volta do centro de Campina para a escola: nº 066, nº 660, nº 020, nº 222, nº 245, todos estes coletivos passam em frente a Escola citada, pois ela está localizada numa rua, que tem averso, a Avenida principal do bairro, por onde circulam os coletivos que fazem o percurso desta área. Para deslocar-se da escola pesquisada fora o terminal rodoviário Argemiro Figueiredo. O percurso poderá ser feito pelo coletivo da Transnacional de nº 245 (o Inter-Área). Este faz todo o percurso tendo como ponto estratégico de ida e volta, a rodoviária de Campina Grande e a escola pesquisada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste relatório constatou-se que a Educação Brasileira a nível de 1º e 2º graus é desvalorizada tanto pelo Governo Federal quanto pelo Governo do Estado, que é preciso haver um projeto educacional para modificar a estruturação do ensino, e para diminuir os auto índices do número de evasão e repetência.

O problema da Educação Brasileira deve ser combatido não apenas pelo governo, mas também pelas universidades e pela sociedade de um modo geral, tem que ocorrer uma coesão de força entre estes setores para solucionar o baixo nível da Educação no Ensino Fundamental.

O Estágio da Prática de Ensino nos propiciou a ver de perto a realidade do Ensino Fundamental no Brasil, e quanto está distanciada a relação teoria e prática do processo ensino-aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA E FONTES CITADAS

1. HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

ALVES, Maria Leila. Ensino Fundamental: Diagnóstico, São Paulo, FDE, 1991.

BRESCIANI, Maria Stella. (org.) Jogos de Política Imagens, Representações e Práticas. ANPUH / São Paulo, Marco Zero FAPESP.

CERTEAU, Michael. A Escrita da História. trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, Farense, 1975.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e Democracia. São Paulo, Moderna, 1984.

_____. Conformismo e resistência. São Paulo, Brasiliense, 1986.

CIAMPI, Helenici. Poder, Cidadania e Formação do Profissional de História
In: Maria Stella Bresciani (org.) Jogos da Política. ANPUH / São Paulo,
Marco Zero FAPESP.

CUNHA, Maria Isabel da. O Bom Professor sua Prática 4ª edição, Campinas
S.P. : Papyrus, 1994. (Coleção Magistério)

FONSECA, Silva Guimarães. Caminhos da História Ensinada 2ª edição -
Campinas, S.P.: Papyrus 1994. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho
Pedagógico).

IUKOL, Zilda Márcia. Políticas Públicas de Educação: Problemas, Perspectivas e Desafios. In: Maria Stella Bresciani (org.) Jogos da Política.
ANPUH / São Paulo, Marco Zero FAPESP.

LIMA, Lauro de Oliveira, O Impasse na Educação, 3ª ed, Petrópolis, Vozes,
1969.

MENDES, Murilo. A História no Curso Secundário. São Paulo, Gráfica Paulista, 1953.

MORAIS, Regis de. (org.) Sala de Aula: Que espaço é esse? 8ª edição -
Campinas, S.P.: Papyrus, 1994.

NURA, Pierre. O acontecimento e o historiador do presente. In: Jaiques Le

Goff et al. *A Nova História*. trad. Ana Maria Bessa. Lisboa, Edições 70, 1982.

2. ENSINO DE HISTÓRIA E ESTUDOS SOCIAIS

CABRINI, Conceição et al., *O ensino de história: revisão urgente*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

FENELOR, Déar R. *A Questão dos Estudos Sociais*, In: *Cadernos / CEDES A Prática do Ensino de História*, São Paulo, Cotez/ CEDES, nº 10, 1984.

PINSKY, Jaime (org.) *O ensino de história e a criação do fato*. São Paulo, Contexto, 1988.

SILVA, Marcos A. (org.) *Repensando a História*. São Paulo, ANPUH / Marco Zero, 1984.

3. BALANÇOS HISTORIOGRÁFICOS

LAPA, José Roberto de A. *Historiografia Brasileira Contemporânea*, Petrópolis, Vozes, 1981.

_____. *História e Historiografia: Brasil pós - 64*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

4. DOCUMENTOS E FONTES ESTATÍSTICAS

FENELOR, Déo R. et al., *Ensino de História: Opções em Confronto*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, V.7, nº 14, março/agosto. 1987.

FIBGE. *Anuário Estatístico do Brasil*, Rio de Janeiro, 1983.

GRUPO DE PROFESSORES DA PUC DE SÃO PAULO, alunos e professores do ensino de 1º e 2º graus. *Elementos de reflexão para a elaboração de crítica à proposta curricular de história*. São Paulo, 1987.

UNICEF/IBGE. *Crianças e adolescentes: indicadores sociais Brasília*, vol. I, 1990.

5. LEGISLAÇÃO

BRASIL. Coletânea de Leis, Pareceres, Decretos - lei, resoluções e Portarias. Legislação Brasileira do ensino de 2º grau. Coletânea dos atos federais. Brasília, DEM, 1978.

_____, Constituição (1967). República Federativa do Brasil, São Paulo, Saraiva, 1975.

_____, Constituição (1988), República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

6. JORNAIS E REVISTAS

FOLHA DE SÃO PAULO. "Colapso Educacional". 20-1-1990 p.2

_____. "Barbarie Educacional". 8-3-1990 p. 2

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 21 de Junho de 1989.

REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, 16 de maio de 1984.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA nº 25/26. Memória, História, Historiografia. São Paulo. ANPUH/ Marco Zero, vol. 13, Setembro 92/agosto 93.

7. LIVROS DIDÁTICOS

7.1. HISTÓRIA GERAL MODERNA E CONTEMPORÂNEA

AQUINO, Rubim Santos Leão de, et al., História das Sociedades: das sociedades às sociedades atuais. 2ª edição, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1983.

NADAI, Elza e Neves, Joana. História Geral Moderna e Contemporânea. 9ª edição., São Paulo, Saraiva: 1993.

VICENTINO, Cláudio. História Memória Viva Idade Moderna e Contemporânea 2ª edição, São Paulo: Scipione, 1994.

HISTÓRIA DO BRASIL

ARRUDA, José Jobson e Piletti, Nelson. Toda a história. História Geral e História do Brasil, São Paulo: Ática, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira. A época colonial e o Brasil monárquico. São Paulo, Depel, 1960/72.

IGLÉSIAS, Francisco. História Geral e do Brasil, São Paulo: Ática, 1994. 7V

NABUCO, Joaquim. Um estadista do Império. 2ª ed. São Paulo, Nacional, 1936, 2 V.

HISTÓRIA DA PARAÍBA

HOLANDA, Sérgio buarque de. História Geral da Civilização Brasileira. A Época Colonial. Do Descobrimento à expansão territorial. São Paulo, Ditzel, 1985.

OCTÁVIO, José. História da Paraíba: Lutas e Resistência, Ed. União, Paraíba, 1994.